

# CULTURA AFRO

Dentre muitas raças que ajudaram a formar a cultura social do Brasil, os índios e os negros foram, sem dúvida, raças que se destacaram bastante.

Eu, Paulo de Oxalá, nascido no Amazonas, sou neto de índios Tuxáuas e vim me identificar aqui no Rio de Janeiro com a cultura afro-brasileira. Cultura esta que abracei com muita dedicação, mas sem fugir às minhas origens indígenas.

Sou pesquisador de cultos afro-brasileiros e esoterismo, totalmente documentado e abalizado de forma abrangente nos assuntos místicos e da religião de Orixá.

Venho aqui mostrar o meu trabalho de orientação espiritual para os mais variados segmentos da sociedade.

Sabemos que neste momento de globalização devemos nos preparar para mais este avanço da humanidade.

Através do Jogo de Búzios, de conhecimentos adquiridos e com uma experiência de mais de 30(trinta) anos na cultura afro-brasileira, podemos ajudar ao nosso semelhante a perceber e entender melhor a sua personalidade e, conseqüentemente, seus problemas.

O caráter e a personalidade são os dois maiores valores que existe dentro do ser humano.

Portanto, é através do Jogo de Búzios e da orientação espiritual que podemos oferecer ajuda nos mais variados assuntos como, amor, trabalho e saúde, podendo assim, decidir melhor a respeito desses temas.

Desta forma, a pessoa se resguardará e saberá os seus pontos positivos e negativos e evitará os seus pontos fracos. Com esta ajuda, saberá também entender os que estão a sua volta, pois o Jogo dará o perfil de cada personalidade e se tornará mais fácil conviver com o cônjuge, filhos, pais e colegas de trabalho.

A cultura afro-brasileira, o Candomblé em particular, é sem sombra de dúvidas uma das mais bonitas religiões existentes.

Encontramos nesta cultura resposta para todo tipo de problema.

Na Casa que eu dirijo, o Ilé Axé d'Oxalá, tenho ajudado a muitas e muitas pessoas que me procuram para os mais variados problemas, como por exemplo:

## ***SAÚDE***

Curas de doenças consideradas incuráveis. Relato o caso de uma senhora que tinha um grave problema dermatológico. Esta senhora já tinha corrido os melhores dermatologistas do Rio de Janeiro, sem obter sucesso. Ela soltava pedaços da pele

inexplicavelmente. Bom, graças a uma amiga, que é cliente da casa, esta senhora me conheceu e eu, com as forças dos Orixás, fiz os ebós (trabalhos necessários) e ela ficou, graças à Oxalá, boa do seu problema dermatológico.

Um outro problema resolvido que contamos com muito entusiasmo foi o de uma mulher que pela medicina não podia engravidar devido a um grave problema uterino. Tudo o que ela e o esposo queriam era um filho para que a felicidade do casal fosse completa. Mais uma vez, fiz os trabalhos necessários e esta mulher engravidou e gerou uma linda e saudável menina e o casal até hoje é muito grato a mim e aos Orixás pela graça alcançada.

## ***PROBLEMA SENTIMENTAL***

Um problema sentimental que nos orgulha muito de tê-lo resolvido foi o de uma mulher cujo o marido estava com uma amante já a 03(três) anos e tinha saído de casa a 06(seis) meses. A mulher estava desesperada, pois amava muito o marido e estava passando por dificuldades financeiras com as 03(três) crianças. Eu, Paulo de Oxalá, prezo muito a família e tomei as providências necessárias. Fiz o trabalho pedido pelo Jogo de Búzios e em 21(vinte e um) dias virei a situação. O marido largou a amante e voltou ao lar para junto de sua esposa e de seus 03(três) filhos.

## ***EMPREGO***

Vamos relatar aqui o caso de um jovem engenheiro que não conseguia arrumar emprego de nenhum jeito. Joguei para este rapaz e vi que ele estava com um odu negativo. (Obs. Odu é o destino de cada um e o tal rapaz estava numa fase negativa do destino). Fiz o agrado ao odu do rapaz e este rapaz conseguiu em 07(sete) dias um super-emprego numa grande firma nacional.

São tantos os relatos que eu poderia fazer um livro, pois foram muitas vitórias e graças alcançadas com a ajuda dos Orixás.

## ***AS CORES***

As cores são muito importantes na cultura afro-brasileira. Elas são, na verdade, o maior elo entre a matéria e o astral.

A harmonia das cores usadas nas roupas faz a vibração do Orixá ficar positiva ou negativa. Quando se for resolver uma situação de trabalho, amor, saúde, etc. devemos prestar muita atenção nas cores usadas naquele momento para que tenhamos sucesso.

Eu vou relatar a seguir as cores, os Orixás e os dias em que devem ser usadas:

| CORES |       |     |
|-------|-------|-----|
|       | ORIXÁ | DIA |

|                              |         |                       |
|------------------------------|---------|-----------------------|
| Preto-vermelho/estampado     | Exu     | Segunda-feira         |
| Azul escuro / verde          | Ogun    | Terça-feira           |
| Azul claro                   | Oxossy  | Quinta-feira          |
| Verde e amarelo              | Ossayn  | Quinta-feira          |
| Branco e preto/marrom rajado | Omolu   | Segunda-feira         |
| Amarelo ouro                 | Oxum    | Sábado                |
| Vermelho e coral             | Yansã   | Sábado e Quarta-feira |
| Branco e prata               | Yemanjá | Sábado                |
| Lilás                        | Nanã    | Sábado                |
| Vermelho-branco              | Xangô   | Quarta-feira          |
| Preto-amarelo                | Oxumarê | Terça-feira           |
| Branco                       | Oxalá   | Sexta-feira           |

## ***EBÓ***

A palavra ebó significa sacrifício. O ebó é usado para os mais variados casos, ou seja, cada situação de dificuldades, doenças, amor, requer um ebó para que haja o equilíbrio.

Eu vou descrever alguns ebós para solucionar determinados casos

### ***Ebó para casar***

*Material:*

01 tigela branca

01 par de alianças

01 foto do casal

1/2 kg de açúcar cristal

1/2 kg de arroz com casca

02 velas

1/2 m de fita cor-de-rosa

*Como fazer:*

No fundo da tigela, colocar a foto do casal. Em cima da foto, colocar o par de alianças. Cobrir esta foto e estas alianças com açúcar cristal e por último cobrir tudo com o arroz com casca. Depois, unir as duas velas e amarrá-las com a fita cor-de-rosa e acendê-las pedindo a Yemanjá união e casamento.

## ***Ebó para emprego***

*Material:*

Fazer 04(quatro) farofas, sendo:

01 de dendê

01 de mel

01 de cachaça

01 de água

*Como fazer:*

Colocar estas farofas cada uma em cima de uma folha de mamona e ao lado acender uma vela com uma moeda e pedir a Exu abertura de caminhos.

## ***Ebó para saúde***

Cozinhar bem uma canjica com açúcar cristal. Colocar o nome da pessoa doente num papel em branco 08(oito) vezes a lápis e cobri-lo com a canjica fria. Depois, cobrir com algodão e ao lado acender uma vela de 07(sete) dias pedindo à Oxalá que dê saúde.

A minha meta é divulgar a maravilhosa religião de Orixá e ajudar a todos que me procuram. Apresento a seguir os temas selecionados de todos os programas de rádio produzidos e apresentados por mim, Paulo de Oxalá. Alguns destes temas culturais são de autoria do Professor José Benistes, Ogan do Ile Ase Opo Afonja.

Ressalto que para melhor entendimento do internauta heterogêneo, o texto não está escrito em yorubá.

Este trabalho encontra-se dividido em 07 (partes):

- Parte I : Introdução
  - \**Por que o culto dos orixás é chamado de Candomblé?*
  - \**A organização do Candomblé no Novo Mundo*
  - \**As variações das Três Nações: Jeje, Ketu e Angola*
- Parte II : Nação Jeje
  - \**Nação Jeje*
  - \**A influência das palavras Jeje na Cultura Afro-Brasileira?*
  - \**A tradição Jeje: O Vodun Jeje Sogbô e a Prova de Zô*
  - \**Nanã*

- \*Becém
- \*Oferenda à Becém para prosperidade
- \*Ajoié e Ekedí?
- \*Os odùs na cultura Jeje
- Parte III: Nação Ketu
  - \*A importância dos mitos no Candomblé
  - \*O Mito da Criação (segundo a tradição yorubá)
  - \*O verdadeiro nome de Oduduwa
  - \*Os orixás e suas origens
  - \*Saudações
  - \*Axé
  - \*O que seriam orixás ancestrais?
  - \*O jogo de búzios
  - \*Odù
  - \*Exu
  - \*O ritual de ipàdé no Candomblé
  - \*Ere
  - \*A importância das pinturas
  - \*O significado de Paná & kitanda
  - \*Xangô
  - \*Iroko
  - \*O que significa Adúrà?
  - \*Para se ter sorte
  - \*Omolu & Obaluaiye - O ritual de Olugbajé
  - \*Ossaim
  - \*As águas e os orixás femininos
  - \*Oxum - origem do nome de Osogbo
  - \*Yansã
  - \*O relacion
- amento de Yansã com o número 09
  - \*Abiyan
  - \*Abiku & Abiase
  - \*O sentido das palavras
  - \*Águas de Oxalá
- Parte IV : Nação Angola
  - \*Tempo
  - \*Cargos da Nação de Angola
  - \*Capoeira
  - \*Candomblé de Caboclo
- Parte V : Umbanda
  - \*Povo de Rua
  - \*Conceitos de Umbanda
  - \*07(sete) Linhas de Umbanda
  - \*A dedicação do Médiun de Umbanda
  - \*Ponto Riscado na Umbanda
  - \*Guias
  - \*A diferença entre "Tenda" e "Terreiro"
  - \*Gongá
  - \*Curiosidade: Periespírito

- \*Pretos-Velhos*
  - \*Caboclo*
  - \*Boiadeiro*
  - \*Culto à Jurema & sua importância*
  - Parte VI : Assuntos Diversos
    - \*O Culto Vudu*
  - Parte VII: Temas Culturais
- 

## MINHAS CRÔNICAS DE RÁDIO

### PARTE I: INTRODUÇÃO

## C A N D O M B L É

### Por que o culto do orixá é chamado de CANDOMBLÉ?

Em 1830, algumas mulheres negras originárias de Ketu, na Nigéria, e pertencentes a irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, reuniram-se para estabelecer uma forma de culto que preservasse as tradições africanas aqui, no Brasil.

Segundo documentos históricos da época, esta reunião aconteceu na antiga Ladeira do Bercô; hoje, Rua Visconde de Itaparica, próximo a Igreja da Barroquinha na cidade de São Salvador - Estado da Bahia.

Desta reunião, que era formada por várias mulheres, conforme relatei anteriormente, uma mulher ajudada por Baba-Asiká, um ilustre africano da época, se destacou:  
- Íyànàssó Kalá ou Oká, cujo o òrùnkó no orixá era Íyàmagbó-Olódùmarè.

Mas, o motivo principal desta reunião era estabelecer um culto africanista no Brasil, pois viram essas mulheres, que se alguma coisa não fosse feita aos seus irmãos negros e descendentes, nada teriam para preservar o "culto de orixá", já que os negros que aqui chegavam eram batizados na Igreja Católica e obrigados a praticarem assim a religião católica.

Porém, como praticar um culto de origem tribal, em uma terra distante de sua ìyá ìlú àiyé èmí, ou a mãe pátria terra da vida, como era chamada a África, pelos antigos africanos?

Primeiro, tentaram fazer uma fusão de várias mitologias, dogmas e liturgias africanas. Este culto, no Brasil, teria que ser similar ao culto praticado na África, em que o principal quesito para se ingressar em seus mistérios seria a iniciação. Enquanto na África a iniciação é feita muitas vezes em plena floresta, no Brasil foi estabelecida uma mini-África, ou seja, a casa de culto teria todos os orixás africanos juntos. Ao contrário

da África, onde cada orixá está ligado a uma aldeia, ou cidade por exemplo: Xangô em Oyó, Oxum em Ijexá e Ijebu e assim por diante.

Mas, por que esse culto foi denominado de CANDOMBLÉ?

Este culto da forma como é aqui praticado e chamado de Candomblé, não existe na África. O que existe lá é o que chamo de culto à orixá, ou seja, cada região africana cultua um orixá e só inicia elegun ou pessoa daquele orixá. Portanto, a palavra Candomblé foi uma forma de denominar as reuniões feitas pelos escravos, para cultuar seus deuses, porque também era comum chamar de Candomblé toda festa ou reunião de negros no Brasil. Por esse motivo, antigos Babalorixás e Yalorixás evitavam chamar o "culto dos orixás" de Candomblé. Eles não queriam com isso serem confundidos com estas festas. Mas, com o passar do tempo a palavra Candomblé foi aceita e passou a definir um conjunto de cultos vindo de diversas regiões africanas.

A palavra Candomblé possui 2 (dois) significados entre os pesquisadores: Candomblé seria uma modificação fonética de "Candonbé", um tipo de atabaque usado pelos negros de Angola; ou ainda, viria de "Candonbidé", que quer dizer "ato de louvar, pedir por alguém ou por alguma coisa".

Como forma complementar de culto, a palavra Candomblé passou a definir o modelo de cada tribo ou região africana, conforme a seguir:

- Candomblé da Nação Ketu
- Candomblé da Nação Jeje
- Candomblé da Nação Angola
- Candomblé da Nação Congo
- Candomblé da Nação Muxicongo

A palavra "Nação" entra aí não para definir uma nação política, pois Nação Jeje não existia em termos políticos. O que é chamado de Nação Jeje é o Candomblé formado pelos povos vindos da região do Dahomé e formado pelos povos mahin.

Os grupos que falavam a língua yorubá entre eles os de Oyó, Abeokuta, Ijexá, Ebá e Benin vieram constituir uma forma de culto denominada de Candomblé da Nação Ketu.

Ketu era uma cidade igual as demais, mas no Brasil passou a designar o culto de Candomblé da Nação Ketu ou Alaketu.

Esses yorubás, quando guerriaram com os povos Jejes e perderam a batalha, se tornaram escravos desses povos, sendo posteriormente vendidos ao Brasil.

Quando os yorubás chegaram naquela região sofridos e maltratados, foram chamados pelos fons de ànagô, que quer dizer na língua fon "piolhentos, sujos" entre outras coisas. A palavra com o tempo se modificou e ficou nàgô e passou a ser aceita pelos povos yorubás no Brasil, para definir as suas origens e uma forma de culto. Na verdade, não existe nenhuma nação política denominada nàgô.

No Brasil, a palavra nàgô passou a denominar os Candomblés também de Xamba da região norte, mais conhecido como Xangô do Nordeste.

Os Candomblés da Bahia e do Rio de Janeiro passaram a ser chamados de Nação Ketu com raízes yorubás.

Porém, existem variações de Nações, por exemplo, Candomblé da Nação Efan e Candomblé da Nação Ijexá. Efan é uma cidade da região de Ilexá próxima a Osobô e ao rio Oxum. Ijexá não é uma nação política. Ijexá é o nome dado às pessoas que nascem ou vivem na região de Ilexá.

O que caracteriza a Nação Ijexá no Brasil é a posição que desfruta Oxum como a rainha dessa nação.

Da mesma forma como existe uma variação no Ketu, há também no Jeje, como por exemplo, Jeje Mahin. Mahin era uma tribo que existia próximo à cidade de Ketu.

Os Candomblés da Nação Angola e Congo foram desenvolvidos no Brasil com a chegada desses africanos vindos de Angola e Congo.

A partir de Maria Néném e depois os Candomblés de Mansu Bunduquemqué do falecido Bernardino Bate-folha e Bam Dan Guaíne muitas formas surgiram seguindo tradições de cidades como Casanje, Munjolo, Cabinda, Muxicongo e outras.

Nesse estudo sobre Nações de Candomblé, poderia relatar sobre outras formas de Candomblé, como por exemplo, Nàgó-vodun que é uma fusão de costumes yorubás e Jeje, e o Alaketu de sua atual dirigente Olga de Alaketu.

O Alaketu não é uma nação específica, mas sim uma Nação yorubá com a origem na mesma região de Ketu, cuja sua história no Brasil soma-se mais de 350 (trezentos e cinquenta) anos ao tempo dos ancestrais da casa: Otampé, Ojaró e Odé Akobí.

A verdade é que o culto nigeriano de orixá, chamado de Candomblé no Brasil, foi organizado por mulheres para mulheres. Antigamente, nas primeiras casas de Candomblé, os homens não entravam na roda de dança para os orixás. Mesmo os que tornavam-se Babalorixás tinham uma conduta diferente quanto a roda de dança. Desta forma, a participação dos homens era puramente circunstancial. Daí ter-se que se inserir no culto vários cargos para homens, como por exemplo, os cargos de ogans.

Hoje, a palavra Candomblé define no Brasil o que chamamos de culto afro-brasileiro, ou seja: ***“UMA CULTURA AFRICANA EM SOLO BRASILEIRO”***.

## **A ORGANIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ NO NOVO MUNDO**

Antigamente, na Nigéria, os dias da semana eram apenas 04 (quatro) e eram assim denominados:

- 1o dia - Ójumò Exu
- 2o dia - Ójumò Ogun

- 3o dia - Ójumò Xangô
- 4o dia - Ójumò Oxalá

sendo que estes 04 (quatro) dias estavam ligados aos 04 (quatro) pontos cardeais:

- 1o a leste onde habita Exu
- 2o ao norte onde habita Ogun
- 3o a oeste onde habita Xangô
- 4o ao sul onde habita Oxalá

Como se pode observar, os yorubás tinham sua própria semana organizada que foi modificada ou adaptada à semana ocidental. Isto aconteceu porque não se manteve a tradição milenar de apenas 04 (quatro) dias.

Quando o Candomblé foi estabelecido na Bahia por Yanassó teve-se que se adaptar, como foi visto anteriormente, o culto para os moldes ocidentais, ou seja, cultivar vários orixás no mesmo espaço. Com esta junção, criou-se o que foi chamado Ójumò-osé ou dia de limpar ou ainda Ójumò-uenumó ou dia do descanso. Essa distribuição foi feita da seguinte forma:

- 2a feira cuidaria-se de Exu e Omolu
- 3a feira cuidaria-se de Ogun e Oxumarê
- 4a feira cuidaria-se de Xangô e Oya
- 5a feira cuidaria-se de Oxossy
- 6a feira cuidaria-se de Oxalá

No sábado seria a vez de se cuidar de todas as Yas ou Mães que seriam: Oxum, Yemanjá, Nanã, entre outras. Já no domingo, cuidaria-se de Ibeji.

Esta distribuição foi feita para que cada Omon-orixá tivesse seu orixá ligado a um dia da semana e nesse dia esse omon-orixá estivesse na casa de Candomblé para prestar culto ao seu orixá, não fugindo assim com a sua responsabilidade de cuidar de seu orixá.

Como comprovam vários estudiosos da cultura africana, não só houve a adaptação da semana yorubá para a semana ocidental, como uma série de cerimônia e ritos da religião de orixá tiveram que se adaptar ao Novo Mundo, conforme mostra o próprio ritual de iniciação que na Nigéria é feito em aldeias que ficam no interior das florestas.

Outra adaptação feita para o Brasil foi o do Jogo de Búzios. Enquanto no culto de orixá na Nigéria apenas o Babalawo faz o culto à advinhação e é ele, por determinação de Ifá, quem orienta todos os acontecimentos dentro do egbé; no Brasil, o jogo de búzios foi uma modalidade criada pelo Olwô Bamboxé para as mulheres ou Yalorixás da época.

### **AS VARIAÇÕES DAS TRÊS NAÇÕES JEJE, KETU E ANGOLA**

Dos muitos grupos de escravos vindo para o Brasil, 03(três) categorias ou nações se destacaram:

- Negros Fons ou Nação Jeje
- Negros Yorubás ou Nação Ketu

- Negros Bantos ou Nação Angola

Cada uma dessas 03 (três) nações tem dialeto e ritualística própria. Mas, houve uma grande coligação entre os deuses adorados nessas 03 (três) nações, por exemplo:

- Na Nação Jeje os deuses são chamados de Voduns
- Na Nação Ketu, de Orixás
- Na Nação de Angola, de Inkices

Abaixo, encontram-se relacionados os deuses, as suas ligações e correspondência em cada uma dessas 03 (três) nações:

| <b>KETU</b> | <b>JEJE</b>              | <b>ANGOLA</b>         |
|-------------|--------------------------|-----------------------|
| Exu         | Elegbá                   | Bombogiro             |
| Ogun        | Gu                       | Nkosi-Mucumbe         |
| Oxossy      | Otolú                    | Mutaka Lambo          |
| Omolu       | Azanssun                 | Cavungo               |
| Xangô       | Sogbô                    | Nizazi ou Luango      |
| Ossayn      | Ague                     | Katende               |
| Oya / Yansã | Guelede-Agan ou Vodun-Jó | Matamba/Kaingo        |
| Oxum        | Aziri-Tolá               | Dandalunda            |
| Yemanjá     | Aziri-Tobossi            | Samba Kalunga/Kukuetu |
| Oxumarê     | Becém                    | Angoro - Ongolo       |
| Oxalá       | Lissá                    | Lemba                 |

## **PARTE II : NAÇÃO JEJE NAÇÃO JEJE**

### **• Origem da palavra JEJE**

A palavra JEJE vem do yorubá *adjeje* que significa estrangeiro, forasteiro. Portanto, não existe e nunca existiu nenhuma nação Jeje, em termos políticos. O que é chamado de nação Jeje é o candomblé formado pelos povos fons vindo da região de Dahomé e pelos povos mahins. Jeje era o nome dado de forma perjurativa pelos yorubás para as pessoas que habitavam o leste, porque os mahins eram uma tribo do lado leste e Saluvá ou Savalu eram povos do lado sul. O termo Saluvá ou Savalu, na verdade, vem de "Savê" que era o lugar onde se cultuava Nanã. Nanã, uma das origens das quais seria Bariba, uma antiga dinastia originária de um filho de Oduduá, que é o fundador de Savê (tendo neste caso a ver com os povos fons). O Abomei ficava no oeste, enquanto Axantis era a tribo do norte. Todas essas tribos eram de povos Jeje

### **• Origem da palavra DAHOMÉ**

A palavra *DAHOMÉ*, tem dois significados: Um está relacionado com um certo Rei Ramilé que se transformava em serpente e morreu na terra de *Dan*. Daí ficou "*Dan Imé*" ou "*Dahomé*", ou seja, aquele que morreu na Terra da Serpente. Segundo as pesquisas,

o trono desse rei era sustentado por serpentes de cobre cujas cabeças formavam os pés que iam até a terra. Esse seria um dos significados encontrados: *Dan* = “serpente sagrada” e *Homé* = “a terra de Dan”, ou seja, *Dahomé* = “a terra da serpente sagrada”. Acredita-se ainda que o culto à Dan é oriundo do antigo Egito. Ali começou o verdadeiro culto à serpente, onde os Faraós usavam seus anéis e coroas com figuras de cobra. Encontramos também Cleópatra com a figura da cobra confeccionada em platina, prata, ouro e muitos outros adornos femininos. Então, posso dizer que este culto veio descendo do Egito até Dahomé.

- **Dialetos falados**

Os povos Jejes se enumeravam em muitas tribos e idiomas, como: Axantis, Gans, Agonis, Popós, Crus, etc. Portanto, teríamos dezenas de idiomas para uma tribo só, ou seja, todas eram Jeje, o que foge evidentemente às leis da lingüística - muitas tribos falando diversos idiomas, dialetos e cultuando os mesmos Voduns. As diferenças vinham, por exemplo, dos Minas - Gans ou Agonis, Popós que falavam a língua das Tobosses, que a meu ver, existe uma grande confusão com essa língua.

- **Os primeiros no Brasil**

Os primeiros negros Jeje chegados ao Brasil entraram por São Luís do Maranhão e de São Luís desceram para Salvador, Bahia e de lá para Cachoeira de São Félix. Também ali, há uma grande concentração de povos Jeje. Além de São Luís (Maranhão), Salvador e Cachoeira de São Félix (Bahia), o Amazonas e bem mais tarde o Rio de Janeiro, foram lugares aonde encontram-se evidências desta cultura.

- **Classificação dos Voduns**

Muitos Voduns Jeje são originários de Ajudá. Porém, o culto desses voduns só cresceram no antigo Dahomé. Muitos desses Voduns não se fundiram com os orixás nagos e desapareceram totalmente. O culto da serpente Dãng-bi é um exemplo, pois ele nasceu em Ajudá, foi para o Dahomé, atravessou o Atlântico e foi até as Antilhas.

Quanto a classificação dos Voduns Jeje, por exemplo, no Jeje Mahin tem-se a classificação do povo da terra, ou os voduns Caviunos, que seriam os voduns Azanssu, Nanã e Becém. Temos, também, o vodun chamado Ayzain que vem da nata da terra. Este é um vodun que nasce em cima da terra. É o vodun protetor da *Azan*, onde *Azan* quer dizer "esteira", em Jeje. Achamos em outro dialeto Jeje, o dialeto Gans-Crus, também o termo Zenin ou Azeni ou Zani e ainda o Zoklé. Ainda sobre os voduns da terra encontramos Loko. Ele apesar de estar ligado também aos astros e a família de Heviosso, também está na família Caviuno, porque Loko é árvore sagrada; é a gameleira branca, que é uma árvore muito importante na nação Jeje. Seus filhos são chamados de Lokoses. Ague, Azaká é também um vodun Caviuno. A família Heviosso é encabeçada por Badë, Acorumbé, também filho de Sogbô, chamado de Runhó. Mawu-Lissá seria o orixá Oxalá dos yorubás. Sogbô também tem particularidade com o Orixá em Yorubá, Xangô, e ainda com o filho mais velho do Deus do trovão que seria Averequete, que é filho de Ague e irmão de Anaite. Anaite seria uma outra família que viria da família de Aziri, pois são as Aziris ou Tobosses que viriam a ser as Yabás dos Yorubás, achamos assim Aziritobosse. Estou falando do Jeje de um modo geral, não

especificamente do Mahin, mas das famílias que englobam o Mahin e também outras famílias Jeje.

Como relatei, Jeje era um apelido dado pelos yorubás. Na verdade, esta família, ou seja, nós que pertencemos a esta nação deveríamos ser classificados de povo Ewe, que seria o mais certo. Ewe-Fon seria a nossa verdadeira denominação. Nós seríamos povos Ewe ou povos Fons. Então, se fôssemos pensar em alguma possibilidade de mudança, nós iríamos nos chamar, ao invés de nação Jeje, de nação Ewe-Fon. Somente assim estaríamos fazendo jus ao que é encontrado em solo africano. Jeje é então um apelido, mas assim ficamos para todas as nossas gerações classificados como povo Jeje, em respeito aos nossos antepassados.

Continuando com algumas nomenclaturas da palavra Ewe-Fon, por exemplo, a casa de candomblé da nação Jeje chama-se *Kwe* = "casa". A casa matricial em Cachoeira de São Félix chama-se **Kwe Ceja Undé**. Toda casa Jeje tem que ser situada afastada das ruas, dentro de florestas, onde exista espaço com árvores sagradas e rios. Depende das matas, das cachoeiras e depende de animais, porque o Jeje também tem a ver com os animais. Existem até cultos com os animais tais como, o leopardo, crocodilo, pantera, gavião e elefante que são identificados com os voduns. Então, este espaço sagrado, este grande sítio, esta grande fazenda onde fica o *Kwe* chama-se *Runpame*, que quer dizer "fazenda" na língua Ewe-Fon. Sendo assim, a casa chama-se *Kwe* e o local onde fica situado o candomblé, *Runpame*. No Maranhão predomina o culto às divindades como Azoanador e Tobosses e vários Voduns onde a "sacerdotisa" é chamada *Noche* e o cargo masculino, *Toivoduno*.

- **Os fundadores**

Voltando a falar sobre "Kwe Ceja Undé", esta casa como é chamada em Cachoeira de São Félix de "Roça de Baixo" foi fundada por escravos como Manoel Ventura, Tixerem, Zé do Brechó e Ludovina Pessoa.

Ludovina Pessoa era esposa de Manoel Ventura, que no caso africano é o dono da terra. Eles eram donos do sítio e foram os fundadores da Kwe Ceja Undé. Essa *Kwe* ainda seria chamada de Pozerren, que vem de *Kipó*, "pantera".

Darei um pequeno relatório dos criadores do Pozerren Tixarene que seria o primeiro Pejigan da roça; e Ludovina, pessoa que seria a primeira Gaiacú.

A roça de cima que também é em Cachoeira é oriunda do Jeje Dahomé, ou seja, uma outra forma de Jeje. Estou falando do Mahin, que era comandada por Sinhá Romana que vinha a ser "Irmã de santo" de Ludovina Pessoa (esta última mais tarde assumiria o cargo de Gaiacú na Kwe de Boa Ventura). Mas, pela ordem temos Manoel Ventura, que seria o fundador, depois viria Sinhá Pararase, Sinhá Balle e atualmente Gamo Loko-se. O Kwe Ceja Undé encontra-se em controvérsia, ou seja, Gamo Loko-se é escolhida por Sinhá Pararase para ser a verdadeira herdeira do trono e Gaiacú Agué-se, que seria Elisa Gonçalves de Souza, vem a ser a dona da terra atualmente. Ela pertence a família Gonçalves, os donos da terra. Assim, temos os fundadores da Kwe Ceja Undé.

Aqui, no Rio de Janeiro, saindo de Cachoeira de São Félix, Tatá Fomutinho deu obrigação com Maria Angorense, conhecida como Kisinbi Kisinbi.

Uma das curiosidades encontradas durante minha pesquisa sobre Jeje é o que chamamos de *Deká*, que na verdade vem do termo *idecar*, do termo fon *iidecar*, que quer dizer "transmissão de segredo". Esse ritual é feito quando uma Gaiacú passa os segredos da nação Jeje para futura Gaiacú pois, na nação Jeje não se tem notícias, que possa ter havido "Pai de santo". O cargo de sacerdotisa ou "Mãe de santo" era exclusivamente das mulheres. Só as mulheres poderiam ser Gaiacús.

- **Ogans**

Os cargos de Ogan na nação Jeje são assim classificados: *Pejigan* que é o primeiro Ogan da casa Jeje. A palavra *Pejigan* quer dizer "Senhor que zela pelo altar sagrado", porque *Peji* = "altar sagrado" e *Gan* = "senhor". O segundo é o *Runtó* que é o tocador do atabaque Run, porque na verdade os atabaques Run, Runpi e Lé são Jeje. No Ketu,

os atabaques são chamados de Ilú. Há também outros Ogans como Gaipé, Runsó, Gaitó, Arrow, Arrontodé, etc.

Podemos ver que a nação Jeje é muito particular em suas propriedades. É uma nação que vive de forma independente em seus cultos e tradições de raízes profundas em solo africano e trazida de forma fiel pelos negros ao Brasil.

- **Mina Jeje**

Em 1796, foi fundado no Maranhão o culto Mina Jeje pelos negros fons vindos de Abomey, a então capital de Dahomé, como relatei anteriormente, atual República Popular de Benin.

A família real Fon trouxe consigo o culto de suas divindades ancestrais, chamados *Voduns* e, principalmente, o culto à Dan ou o culto da Serpente Sagrada.

Uma grande *Noche* ou Sacerdotisa, posteriormente, foi Mãe Andresa, última princesa de linhagem direta Fon que nasceu em 1850 e morreu em 1954, com 104 anos de vida.

Aqui, alguns nomes dos Deuses Voduns:

- \**Ayzan* - Vodun da nata da terra
- \**Sogbô* - Vodun do trovão da família de Heviosso
- \**Aguê* - Vodun da folhagem
- \**Loko* - Vodun do tempo

- **Curiosidades**

\*A primeira Casa Jeje no Rio de Janeiro foi, em 1848, de D.Rozena, cuja filha de santo foi D.Adelaide Santos

\**Ekede* – termo Jeje

\**Done* – cargo feminino na casa Jeje, similar à Yalorixá

\**Doté* – cargo ilustre do filho de Sogbô

Os vodun-ses da família de Dan são chamados de Megitó, enquanto que da família de Kaviuno, do sexo masculino, são chamados de Doté; e do sexo feminino, de Doné.

Os cumprimentos ou pedidos de bençãos entre os iniciados da família de Dan seria “*Megitó Benoi?*” Resposta: “*Benoi?*”; e aos iniciados da família Kaviuno, ou seja, Doté e Doné seria “*Doté Ao?*” Resposta: “*Aótin*”.

O termo usado “*Okolofé*”, cuja resposta é “*Olorun Kolofé*” vem da fusão das Nações de Jeje e de Ketu.

Algumas palavras do dialeto *ewe*:

- \**esin* = água
- \**atinçá* = árvore
- \**agrusa* = porco
- \**kpo* = pote
- \**zó* ou *izó* = fogo
- \**avun* = cachorro
- \**nivu* = bezerro
- \**bakuxé* = parto de barro
- \**kuentó* = kuentó
- \**yan* = fio de contas
- \**vodun-se* = filho do vodun ou iniciados da Nação Jeje
- \**yawo* = filho do vodun ou iniciados da Nação Ketu
- \**muzenza* = filho do vodun ou iniciados da Nação Angola
- \**tó* = banho
- \**zandro* = cerimônia Jeje
- \**sidagã* = auxiliar da Dagã na Cerimônia a Legba
- \**zerrin* = ritual fúnebre Jeje
- \**sarapocã* = cerimônia feita 07(sete) dias antes da festa pública de apresentação do(a) iniciado(a) no Jeje
- \**sabaji* = quarto sagrado onde fica os assentos dos Voduns
- \**runjebe* = colar de contas usado após 07(sete) anos de iniciação
- \**runbono* = primeiro filho iniciado na Casa Jeje
- \**rundeme* = quarto onde fica os Voduns
- \**ronco* = quarto sagrado de iniciação
- \**bejereçu* = cerimônia de matança

Esta é uma homenagem a todos os povos Jejes.

Arró-bo-boí!

## **A INFLUÊNCIA DAS PALAVRAS JEJE NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

A cultura Jeje vinda do Antigo Dahomé, que antes abrangia o Togo e fazia fronteira com o país de Gana é, sem dúvida, uma das maiores contribuições culturais deixada pelos negros fons no Brasil.

Estes povos *Adjejes*, como eram chamados pelos yorubás, estabeleceram fundamentos nos seguintes lugares: Cachoeira de São Félix, na Bahia; Recife, em Pernambuco e São Luís, no Maranhão. Houve durante um período uma influência da cultura yorubá, daí essa mistura passar a ser chamada de: **Cultura Jeje-Nagô**. Essa mistura, como

expliquei, adveio principalmente dos yorubás com várias tribos Jejes. Dentre elas destacaram-se: tribo Gan, Fanti, Axanti, Mina e Mahin. Estes últimos, ou mahins, tiveram maior destaque sobre as demais culturas Jeje, no Brasil.

Estes negros falavam o dialeto *ewe* que, por ser marcante, influenciou por demais a cultura yorubá e também a cultura bantu. Como exemplo, cito os nomes que compõem um barco de *yawo*: Dofono, Dofonitin, Fomo, Fomutin, Gamu, Gamutin e Vimú, Vimutin.

Outras palavras Jeje foram incorporadas não só na cultura afro-brasileira como também no nosso dia-a-dia, como por exemplo: *Acassá*, “faca” que no original *ewe* é escrita com “K” ao invés de “C”. Outra palavra Jeje que ficou no nosso cotidiano foi a palavra “tijolo” que em *ewe* é *Tijoló*.

## **A TRADIÇÃO JEJE: O VODUN JEJE SOGBÔ E A PROVA DE ZO**

A tradição dos povos fons que aqui no Brasil foram chamados de *Adjeje* ou *Jeje* pelos yorubás, requer um longo confinamento quando na época de iniciação. Essa tradição Jeje exigia de 06 (seis) meses ou até 01 (um) ano de reclusão, de modo que o novo vodun-se aprendesse as tradições dos voduns: como cultuá-los, manter os espaços sagrados, cuidar das árvores, saber dançar, cantar, preparar as comidas e um artesanato básico necessário a implementos materiais dos diferentes assentos, ferramentas e símbolos necessários ao culto.

Para os povos Jeje, os voduns são serpentes que tem origem no fogo, na água, na terra, no ar e ainda tem origem na vida e na morte. Portanto, a divindade patrona desse culto é *Dan* ou a "Serpente Sagrada".

Como disse, para o povo Jeje os Voduns são serpentes sagradas e sendo as matas, os rios, as florestas o habitat natural das cobras e dos próprios voduns. O ritual Jeje depende de muito verde, grandes árvores pois muitos voduns tem seus assentos nos pés destas árvores.

Outra particularidade deste culto é de que quando as vodun-ses estão em transe ou incorporadas com seu vodun: os olhos permanecem abertos, ou seja, os voduns Jeje abrem os olhos, diferente dos orixás dos yorubás, que mantem os olhos sempre fechados.

É comum no culto Jeje provar o poder dos Voduns quando estes estão incorporados em seus iniciados. Uma destas provas é a prova chamada **Prova do Zô** ou **Prova do Fogo** do vodun Sogbô, que governa as larvas vulcânicas e é irmão de Badé e Acorombé, que comandam os raios e trovões.

A seguir, descrevo uma **Prova do Zô** feita com uma vodun-se feita para Sogbô, um vodun que assemelha-se ao Xangô do Yorubás:

Num determinado momento entra no salão uma panela de barro, fumegante, exalando cheiro forte de dendê borbulhante, contendo dentro alguns pedaços de ave sacrificada para o vodun. Sogbô adentra o salão com fúria de um raio, os olhos bem abertos (que como expliquei é costume dos voduns) e tomando a iniciativa vai até a panela, onde

mergulha as mãos por algum tempo. Em seguida, exhibe para todos os pedaços da ave. É um momento de profunda emoção gerando grande comoção por parte dos outros iniciados que respondem aquele ato entrando em estado de transe com seus voduns.

## NANÃ

Nanã Buruku ou Buku é considerada a mais antiga das divindades. Muito cultuada na África em regiões como: Daça Zumê, Abomey, Dumê, Cheti, Bodé, Lubá, Banté, Djabalá, Pesi e muitas outras regiões.

Para os fons e ewes, a palavra Nanã ou Nàná é empregada para se chamar de mãe as mulheres idosas e respeitáveis, ou seja, a palavra Nanã significa: "**Respeitável Senhora**".

Nanã está associada à terra, à água e à lama. Os pântanos e as águas lodosas são o seu domínio.

Como relatei no começo, é a mais antiga das divindades, pois representa a memória ancestral. Mãe de Loko ou Irokô, Omolu e Oxumare ou Becém na dinastia Fon, Nanã está ligada ao mistério da vida e da morte. É a senhora da sabedoria, mais velha que o ferro. Daí, não usar lâminas em seu culto.

## BECÉM

O culto à serpente remonta desde o início dos séculos. Os romanos e os gregos já prestavam culto à cobra, sendo os povos que mais difundiram em séculos passados este culto.

No Egito, a serpente era venerada e encarregada de proteger locais e moradias. Cleópatra era uma sacerdotisa do culto à serpente. Todos os seus pertences e adornos eram em formatos de cobras e similares. Este culto correu através do Rio Nilo as diversas regiões africanas.

No Antigo Dahomé, este culto se intensificou e lá *Dan*, como é chamada a Serpente Sagrada, transformou-se no maior símbolo de culto daquele povo, também sendo chamado pelo nome de **yodun-becém**. Já os yorubás chamaram esta mesma entidade de Oxumare ou a Cobra Arco-íris; e os negros Bantos, de Angôro.

Na verdade, aí falamos de uma só divindade com vários nomes dependendo da região em que é cultuada.

Mas, Oxumare, como é mais popularmente conhecido no Brasil, é o Orixá que determina o movimento contínuo, simbolizado pela serpente que morde a própria cauda e enrola-se em volta da terra para impedi-la de se desgovernar. Se Oxumare perder-se a força, a Terra vagaria solta pelo espaço em uma rota a seguir, sendo o fim do nosso Planeta.

É o orixá da riqueza, um dos benefícios mais apreciados não só pelos yorubás como por todos os povos da terra.

Arró-bo-boí!

## **OFERENDA À BECÉM PARA PROSPERIDADE**

Em tempos difíceis, um dos voduns que não pode deixar de ser cultuado é Becém, pois este vodun é o Deus do movimento. Na nação de Ketu, este vodun é assimilado ao Orixá Oxumarê.

Os ingredientes necessários para a comida ou oferenda à Becém, para prosperidade são:

- \*01 travessa média de barro
- \*300g de batata doce
- \*½ k de canjica
- \*14 moedas correntes
- \*14 folhas de louro
- \*14 búzios abertos
- \*01 colher de açúcar cristal

*Como fazer:*

- \*Cozinhar bem a canjica e colocá-la na travessa
- \*Cozinhar as batatas doces, retirar as cascas e amassá-las bem. Modelar duas cobras de batata doce e colocá-las em cima desta canjica
- \*Enfiar as folhas de louro nos cantos, em volta da canjica. (Observação: para cada folha, uma moeda e um búzio aberto até completar as 14 folhas, 14 moedas e 14 búzios)
- \*Espalhar o açúcar cristal por cima de toda esta oferenda e oferecê-la à Becém, em baixo de uma árvore bonita e frondosa com 14 velas em volta, acesas.

Certamente, Sr Acolo Becém irá trazer muita prosperidade para vocês!

## **AJOIÉ E EKEDI**

A palavra “*ajoié*” é correspondente feminino de ogan pois, a palavra *ekedi*, ou *ekeji*, vem do dialeto ewe, falado pelos negros fons ou Jeje.

Portanto, o correspondente yorubá de *ekedi* é *ajoié*, onde a palavra *ajoié* significa “mãe que o orixá escolheu e confirmou”.

Assim como os demais *oloyés*, uma *ajoié* tem o direito a uma cadeira no barracão. Deve ser sempre chamada de “mãe”, por todos os componentes da casa de orixá, devendo-se trocar com ela pedidos de bençãos. Os comportamentos determinados para os ogans devem ser seguidos pelas *ajoiés*.

Em dias de festa, uma *ajoié* deverá vestir-se com seus trajes rituais, seus fios de contas, um ojá na cabeça e trazendo no ombro sua inseparável toalha, sua principal ferramenta de trabalho no barracão e também símbolo do *óyé*, ou cargo que ocupa.

A toalha de uma *ajoié* destina-se, entre outras coisas, a enxugar o rosto dos omo-orixás manifestados. Uma *ajoié* ainda é responsável pela arrumação e organização das roupas que vestirão os omo-orixás nos dias de festas, como também, pelos ojás que enfeitarão várias partes do barracão nestes dias.

Mas, a tarefa de uma *ajoié* não se restringe apenas a cuidar dos orixás, roupas e outras coisas. Uma *ajoié* também é porta-voz do orixá em terra. É ela que em muitas das vezes transmite ao Babalorixá ou Yalorixá o recado deixado pelo próprio orixá da casa.

No Candomblé do Engenho Velho ou Casa Branca, as *ajoiés* são chamadas de *ekedis*. No Gantois, de "Iyárobá". Já na Nação de Angola, é chamada de "makota de angúzo". Mas, como relatei anteriormente, "ekedi" é nome de origem Jeje mas, que se popularizou e é conhecido em todas as casas de Candomblé do Brasil, seja qual for a Nação.

## OS ODÙS NA CULTURA JEJE JEJE

Um Babalawo, ou Pai dos segredos (awô) é muito respeitado pela cultura yorubá.

O Babalawo, como o nome diz, é o conhecedor de todos os mistérios e segredos no culto à Orunmilá, sendo portanto sacerdote de ifá. Somente o Babalawo pode manipular o Rosário de ifá que em yorubá recebe o nome de *opele-ifá* e em ewe, língua da cultura fon ou Jeje tem o nome de *agú-magá*. Ainda na cultura Jeje, ifá é chamado de *Vodun-fá* ou Deus do destino e o Babalawo é denominado de *Bokunó*. Mas, nas duas culturas, tanto o Babalawo dos yorubás quanto o Bokunó dos fons precisam de uma divindade que interprete as caídas do jogo à ifá.

Quem seria essa divindade? Para os yorubás, essa divindade que auxilia o Babalawo a interpretar as caídas do jogo-a-ifá tem o nome de **Exu** e para os ewes ou fons da cultura Jeje essa mesma divindade é chamada de **Legba**, que em ewe significa: "Divino esperto".

Como podemos observar, nas duas culturas o culto à ifá é uma constante na vida destes povos, pois tanto na Nigéria como no antigo Dahomé, o destino individual ou coletivo é motivo de muita atenção (Destino que em yorubá se chama *odù* e em ewe-fon, *áírun-ê*), pois os povos Jejes também cultuavam os *odùs* ou *áírun-ê*.

Abaixo, encontram-se divulgados alguns nomes dos *odùs*, em ewe-fon:

\*ogudá ou obéogunda em yorubá

\*lossô ou yorossun em yorubá

\*ruolin ou warin em yorubá

\*sá ou ossá em yorubá

### PARTE III: NAÇÃO KETU

## A IMPORTÂNCIA DOS MITOS NO CANDOMBLÉ

O culto dos orixás remonta de muitos séculos, talvez sendo um dos mais antigos cultos religiosos de toda história da humanidade.

O objetivo principal deste culto é o equilíbrio entre o ser humano e a divindade aí chamada de orixá.

A religião de orixá tem por base ensinamentos que são passados de geração a geração de forma oral.

Basicamente este culto está assim organizado:

1o Olorun - Senhor Supremo ou Deus Todo Poderoso

2o Olodumare – Senhor do Destino

3o Orunmilá – Divindade da Sabedoria (Senhor do Oráculo de Ifá)

4o Orixá – Divindade de Comunicação entre Olodumare e os homens, também chamado de *elegun*, onde a palavra *elegun* quer dizer "aquele que pode ser possuído pelo Orixá"

5o Egungun – Espíritos dos Ancestrais

Os mitos são muito importantes no culto dos orixás, pois é através deles que encontramos explicações plausíveis para determinados ritos.

Sem estas estórias, lendas ou ìtan seria difícil ter respostas a sérios enigmas, como o envolvimento entre a vida do ser humano e do próprio orixá.

## **O MITO DA CRIAÇÃO (Segundo a Tradição Yorubá)**

Olodumaré enviou Oxalá para que criasse o mundo. A ele foi confiado um saco de areia, uma galinha com 5 (cinco) dedos e um camaleão. A areia deveria ser jogada no oceano e a galinha posta em cima para que ciscasse e fizesse aparecer a terra. Por último, colocaria o camaleão para saber se a terra estava firme.

Oxalá foi avisado para fazer uma oferenda à Exu antes de sair para cumprir sua missão. Por ser um orixá funfun, Oxalá se achava acima de todos e, sendo assim, negligenciou a oferenda à Exu. Descontente, Exu resolveu vingar-se de Oxalá, fazendo-o sentir muita sede. Não tendo outra alternativa, Oxalá furou com seu *opasoro* o tronco de uma palmeira. Dela escorreu um líquido refrescante que era o vinho de Palma. Com o vinho, ele saciou sua sede, embriagou-se e acabou dormindo.

Olodumaré, vendo que Oxalá não havia cumprido a sua tarefa, enviou Oduduwa para verificar o ocorrido. Ao retornar e avisar que Oxalá estava embriagado, Oduduwa cumpriu sua tarefa e os outros orixás vieram se reunir a ele, descendo dos céus, graças a uma corrente que ainda se podia ver no Bosque de Olose.

Apesar do erro cometido, uma nova chance foi dada à Oxalá: a honra de criar os homens. Entretanto, incorrigível, embriagou-se novamente e começou a fabricar anões, corcundas, albinos e toda espécie de monstros.

Oduduwa interveio novamente. Acabou com os monstros gerados por Oxalá e criou homens sadios e vigorosos, que foram insuflados com a vida por Olodumaré.

Esta situação provocou uma guerra entre Oduduwa e Oxalá. O último, Oxalá, foi então derrotado e Oduduwa tornou-se o primeiro *Oba Oni Ifé* ou "O primeiro Rei de Ifé".

## **O VERDADEIRO NOME DE ODUDUWA**

Como expliquei em outra ocasião, Oduduwa foi um personagem histórico do povo yorubá.

Oduduwa foi um temível guerreiro invasor, vencedor dos ìgbós e fundador da cidade de Ifé. Segundo historiadores, Oduduwa teria vivido entre 2000 à 1800 anos antes de Cristo.

Oduduwa foi pai dos reis de diversas nações yorubás, tornando-se assim cultuado após sua morte, devido ao costume yorubá de cultuar-se os ancestrais.

Segundo o historiador Eduardo Fonseca Júnior, Oduduwa chamava-se Nimrod, que desceu do Egito até Yarba onde fixou residência. Ao longo do caminho até Yarba, Nimrod ou Oduduwa fundou diversos reinos. Diz ainda que Oduduwa teria ido para a África a mando de Olodumare para redimir os descendentes de Caim que à semelhança de seu ancestral, carregavam um sinal na testa.

Segundo o historiador, Nimrod trocou de nome e passou-se a se chamar Oduduwa, "aquele que tem existência própria"; onde Ile-Ifé é aquele que cresce e se expande.

Segundo o Professor José Beniste, Oduduwa é assim chamado devido ao fato dele cultuar uma divindade chamada Oduá, que na verdade chama-se Odulobojé, que é a representação feminina, com o poder da gestação. Era o ancestral cultuado pelo herói aqui em questão, gerador de toda cultura yorubá.

Como podemos observar, Oduduwa (o fundador de Ilé-Ifé), segundo grandes pesquisadores como Pierre Verger, José Beniste, Eduardo Fonseca Júnior é um personagem histórico.

## **OS ORIXÁS E SUAS ORIGENS**

Quando falamos de orixá, falamos de uma força pura, geradora de uma série de fatores predominantes na vida de uma pessoa e também na natureza.

Mas, como surgiram os orixás? Quais as suas origens?

Quando Olorum, Senhor do Infinito, criou o Universo com o seu ófu-rufú, mimó, ou hálito sagrado, criou junto seres imateriais que povoaram o Universo. Esses seres seriam os orixás que foram dotados de grandes poderes sobre os elementos da natureza. Em verdade, os orixás são emanções vindas de Olorum, com domínio sobre os 4 (quatro) elementos: fogo, água, terra e ar e ainda dominando os reinos vegetal e animal, com representações dos aspectos masculino e feminino, ou seja, para todos os fenômenos e acidentes naturais, existe um orixá regente. Através do processo de constituição física e diante das leis de afinidades, cada ser humano possui 01 (um) ou mais orixá, como protetores de sua vida, a eles sendo destinados formas diversas de culto.

Um outro aspecto a ser analisado sobre a tradição de orixá e sua origem seria a de que alguns orixás seriam, em princípio, ancestrais divinizados que em vida estabeleceram vínculos que lhes garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces, ou salgadas, ou então, assegurando-lhes a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais, ou ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização.

O poder axé do ancestral-orixá teria, após a sua morte, a faculdade de encarnar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante um fenômeno de possessão por ele provocada.

A passagem da vida terrestre à condição de orixá aconteceu em momento de paixão como nos mostram as lendas dos orixás.

Xangô, por exemplo, tornou-se orixá em um momento de contrariedade por se sentir abandonado, quando deixou Oyó para retornar à região de Tapá. Somente Oyá, sua primeira mulher, o acompanha na fuga e, por sua vez, ela entrou debaixo da terra depois do desaparecimento de Xangô. Suas duas outras mulheres Oxum e Obá tornaram-se rios que tem seus nomes, quando fugiram aterrorizadas pela fulmegante cólera do marido.

Como relatei, esses antepassados não morreram de forma natural; e sim, sofreram uma transformação nos momentos de crise emocional provocada pela cólera ou outros sentimentos.

A origem é a própria terra. E segundo a tradição yorubá, alguns orixás foram seres humanos possuidores de um axé muito forte e de poderes excepcionais.

## SAUDAÇÕES

As saudações são muito importantes, pois é através delas que nós invocamos os orixás.

Assim, vamos traduzir para vocês “As saudações dos Orixás e seus significados”:

|                  |                        |   |
|------------------|------------------------|---|
| Exu              | Kóbà Láyè              | aquele que é muito falante                  |
| Ogun             | Pàtakorí               | exterminador ou cortador de ori ou cabeça   |
| Oxossy           | Ará Unse Kòke Ode      | guardador do corpo e caçador                |
| Xangô            | Kawó-Kábièsilé         | venham ver o Rei descer sobre a terra       |
| Oxum             | Orà Yè Yé Ofyderímàn   | salve mãezinha doce, muito doce             |
| Yansã ou Oyá     | Èpàrèi                 | venha, meu servo                            |
| Omolu e Obaluayê | Atótóo                 | Silêncio                                    |
| Yemanjá          | Èru Ìyá                | senhora do cavalo marinho                   |
| Oxumaré          | Arrum Bobo(termo Jeje) | senhor de águas supremas                    |
| Nanã             | Sálùbá                 | pantaneira (em alusão aos pântanos de Nanã) |

|       |              |                        |
|-------|--------------|------------------------|
| Oxalá | Esè Epa Bàbá | youê faz, obrigado Pai |
|-------|--------------|------------------------|

## AXÉ

A palavra *Axé* é de origem yorubá e é muito usada nas casas de Candomblé. *Axé* significa "força, poder" mas também é empregada para sacramentar certas frases ditas entre o povo de santo, como por exemplo: Eu digo: - "Eu estou muito bem." Outro responde: - "Axé!" Esse "axé" aí dito equivaleria ao "Amém" do Catolicismo ("que Deus permita").

Mas, o *Axé* ainda pode significar a própria casa de Candomblé em toda a sua plenitude. Daí, uma Yalorixá também ser chamada de Yalaxé(Iyálàse), ou seja, "Mãe do Axé" ou a pessoa responsável pelo zelo do Axé ou força da casa de Orixá.

*Axé* também pode significar "Vida". E tudo que tem vida tem origem. Chamar a vida é chamar o Axé e as origens. Os Orixás são Axé, os Orixás são Vida.

Agora, o que seria **Contra-Axé**?

O contra-axé são todas as estruturas de opressão e morte que destroem a vida das comunidades. O contra-axé ainda pode ser todas as quizilás e ewós dentro de uma casa de orixá e também certos tabus que cercam o omo-orixá.

Na tradição dos orixás, *axé* também pode significar a "força das águas, do fogo, da terra, das árvores, das pedras" enfim de tudo que tem vida. Pois, o Candomblé é um culto de celebração à vida e a toda a força que dela advém, ou seja, o próprio culto, é o próprio Axé.

## O QUE SERIAM ORIXÁS-ANCESTRAIS?

Para os povos africanos, em particular, para os yorubás, fons e bantos, a religião é a base para sua existência diária.

Ainda pela manhã, os yorubás, por exemplo, fazem uma série de adúràs e orikìs, ou seja, rezas e invocações para que o dia corra bem. Durante o dia ainda, vários atos serão feitos lembrando sempre a tradição religiosa. Nas horas das refeições, enquanto a família estiver reunida também várias saudações serão feitas, agradecendo a Olódùmarè e aos Orixás-Ancestrais a graça da alimentação.

Agora, por que estes povos se portam assim?

Usamos o termo Olódùmarè por representar para o povo yorubá, "o criador de todas as coisas" ou "a divindade suprema acima dos Orixás-Ancestrais".

Os povos de Ketu, Oyó, Ijesá, Ibadan e Ifé não só prestam culto à divindades naturais, mas também cultuam à ancestralidade, pois para os yorubás a reencarnação existe (atun wá), ou seja, a pessoa morre e renasce no mesmo seio familiar ao qual pertencia. Aí entra o orixá-ancestral de cada família que por tradição será o orixá-dominante de toda

uma região. Por exemplo, Xangô em Oyó, Ogun em Irê, Oxum em Ijexá, Oxossy em Ketu e assim por diante.

Como podemos observar, esses orixás são patronos e dominantes de cada região, acreditando os yorubás serem eles ancestrais nestes lugares, isto é, viveram ou construíram estas regiões, como Xangô ainda em exemplo teria sido o maior Alafin ou rei de Oyó.

Como podemos entender é que lá na Nigéria os yorubás cultuam esses orixás como sendo seus antepassados, isto é, o culto à orixá está ligado ao culto da ancestralidade.

## O JOGO DE BÚZIOS

Como será meu dia de amanhã?

Se eu fizer o que pretendo, qual será o resultado?

Desde que o mundo é mundo que o homem tem necessidade de saber algo sobre o seu futuro. Dentro do Candomblé, a modalidade do jogo de búzios é a mais conhecida (O búzio é uma concha do mar encontrado em praias litorâneas).

O jogo de búzios é um aprendizado de conhecimentos preciosos em que a memória exerce um papel muito importante, ou seja, é lá na memória ou cabeça, que se vai guardar uma enorme série de histórias, lendas e caídas que decifram, segundo a tradição yorubá, a vida de uma pessoa.

Na Nigéria, o jogo de búzios recebe o nome de *Merindilogún*, ou seja, o "JOGO DOS DEZESSEIS". O processo do jogo de búzios consist

e no seguinte: Os búzios são lançados sobre uma toalha ou peneira conforme a nação daquele Babalorixá ou Yalorixá que está jogando. A posição em que os búzios caem é que dará as indicações necessárias solicitadas pelos consulentes. Portanto, cabe ao Babalorixá ou Yalorixá interpretar as caídas e passar para os consulentes as mensagens do jogo.

O intermediário do *Merindilogún*, ou seja, desta forma de jogo, não é Ifá; e sim, Exu. Ifá tem a sua modalidade particular de jogo. Diz uma lenda que apenas Exu tinha o dom da adivinhação. Mas, a pedido de Orunmilá, Exu transmitiu seus conhecimentos a Ifá e em troca Exu recebeu o privilégio de receber sempre em primeiro lugar as oferendas e sacrifícios antes de qualquer outro orixá.

Diz ainda que Oxum era a companheira de Ifá e os homens lhe pediam constantemente que respondesse às suas perguntas. Oxum contou o caso a Orunmilá que concordou que ela fizesse a adivinhação com a ajuda de 16 (dezesseis) búzios. Porém, as respostas seriam indicadas por Exu. Exu, então, voltou à antiga função, ou seja, a de responder às perguntas de Oxum. Depois disso, por espírito de vingança, Exu passou a atormentar com mais raiva os filhos de Oxum.

Na verdade, o jogo de búzios é o instrumento de maior consulta constante do Babalorixá ou Yalorixá, pois é através dele que ele(a) irá dirigir diversas situações dentro da casa de orixá.

No começo do aprendizado do jogo de búzios, segundo a tradição, começa-se a jogar com 04 (quatro), 08 (oito) e depois os 16 (dezesesseis) búzios. Mas, vamos nos deter aqui no jogo de 04 (quatro) búzios, também chamado de "**Jogo de Confirmação**".

O **Jogo de Confirmação**, como relatei, é formado por 04 (quatro) búzios. Esta modalidade é usada como o próprio nome sugere, para confirmar caídas feitas anteriormente com os outros búzios, ou ainda, esta forma de jogo é usada para se obter respostas rápidas dos orixás, por exemplo:

- 04 (quatro) búzios abertos significa "*tudo ótimo*"
- 03 (três) búzios abertos e 01 (um) fechado significa "*talvez*", ou seja, poderá dar certo ou não o que se perguntou
- 02 (dois) búzios abertos e 02 (dois) fechados: a resposta é afirmativa; "*tudo bem*"
- 03 (três) búzios fechados e 01 (um) aberto: a resposta é "*não*", ou seja, "negócio não realizável"

Agora, se todos os 04 (quatro) búzios caírem com as 04 (quatro) partes fechadas para baixo significa que não se deve insistir em perguntar o que se quer saber, pois além de ser nula esta caída, ela vem acompanhada de "*maus presságios*".

Além disso, este **Jogo de Confirmação** ou **Jogo dos 04 (quatro) Búzios** também é chamado de "**Jogo de Exu**", porque segundo alguns antigos Babalorixás, quem responde nesse jogo é Exu, pela precisão e rapidez nas respostas.

## ODÙ

A palavra *odù* vem da língua yorubá e significa "destino". Portanto, *odù* é o destino de cada pessoa.

O destino é, na verdade, a regra determinada a cada pessoa por Olodumaré para se cumprir no àiyé, o que muitos chamam de missão. Esta "missão" nada mais é do que o *odù* que já vem impresso no *ìpònrí* de cada um, constituído numa sucessão de fatos, enquanto durar a vida do emi-okán ou espírito encarnado na terra.

Enquanto a criança ainda não nascer, ou seja, enquanto ela permanecer na barriga de sua mãe, o *odù* ou destino desta criança ficará momentaneamente alojado na placenta e só se revelará no dia do nascimento da criança.

Cada *odù* ou destino está ligado a um ou mais orixá. Este orixá que rege o *odù* de uma pessoa influenciará muito durante toda a vida dela. Mas, nem por isso ele será obrigatoriamente o orixá-ori, ou "o pai de cabeça" daquela pessoa, ou seja, o orixá-ori independe do *odù* da pessoa. Vejamos um exemplo: um omon-orixá de Yansã que tenha

no seu destino a regência do odù ofun (que é ligado à Oxalá), essa pessoa terá todas as características dos filhos de Yansã: independentes, autoritários, audaciosos. Mas, sofrerá as influências diretas do odù ofun, trazendo portanto para este filho de Yansã, lentidão em certos momentos da vida. Situação esta desagradável para os filhos de Yansã, que tem a rapidez como marca registrada.

Os odùs ou destinos são um segmento de tudo que é predestinação que existe no universo, conseqüentemente, de todas as pessoas.

Os odùs, além de serem a individualidade de cada um, também são energias de inteligências superiores que geraram o “Grande Boom”, a explosão acontecida a milhares de anos no espaço que criou tudo.

Dentro de um contexto específico (pessoal ou social) em nosso planeta esses odùs podem seguir um caminho evolutivo ou involutivo, por exemplo: existe um odù denominado de *odi*. Foi *Odi* que em disfunção gerou as doenças venéreas e outras doenças resultantes de excessos e deturpações sexuais. Traz em sua trajetória involutiva a perversão sexual e é ainda através desse lado involutivo de *odi* que acontece a perda da virgindade e a imoralidade.

Porém, como expliquei, existe o lado evolutivo e o próprio odù *odi* citado aqui em nosso exemplo possui características boas e marcantes como: caráter forte e firme e tendência a liderança.

Na verdade, são os odùs que governariam tudo que está ligado a vida em todos os sentidos.

Abaixo, relaciono os 16 (dezesesseis) principais odùs e seus orixás correspondentes:

| <b>ODÙ</b>       | <b>ORIXÁ</b>                     |
|------------------|----------------------------------|
| 1. Òkànràn       | Exu                              |
| 2. Éjì Òkò       | Ogun e Ibeji                     |
| 3. Ètá Ògúndá    | Obaluaiye e ainda Ogun           |
| 4. Ìròsùn        | Yemanjá                          |
| 5. Òsé           | Oxum                             |
| 6. Òbàrà         | Oxossy, Xangô, Yansã e Logun-Edé |
| 7. Òdì           | Exu, Omolu                       |
| 8. Éjì Onílè     | Oxaguian                         |
| 9. Òsá           | Yemanjá e Yansã                  |
| 10. Òfún         | Oxalá                            |
| 11. Òwórín       | Yansã e Exu                      |
| 12. Èjílá Seborà | Xangô                            |
| 13. Éjì Ológbon  | Nanã                             |

|              |           |
|--------------|-----------|
| 14.Ìka       | Oxumarê   |
| 15.Ogbègúndá | Obá e Ewa |
| 16.Àlàáfia   | Orunmilá  |

## ÈSÙ

A palavra *Èsù* em yorubá significa “esfera” e, na verdade, Exu é o orixá do movimento.

De caráter irascível, ele se satisfaz em provocar disputas e calamidades àquelas pessoas que estão em falta com ele.

No entanto, como tudo no universo, possui de um modo geral dois lados, ou seja: positivo e negativo. Exu também funciona de forma positiva quando é bem tratado. Daí ser Exu considerado o mais humano dos orixás, pois o seu caráter lembra o do ser humano que é de um modo geral muito mutante em suas ações e atitudes.

Conta-se na Nigéria que Exu teria sido um dos companheiros de Oduduà quando da sua chegada a Ifé e chamava-se *Èsù Obasin*. Mais tarde, tornou-se um dos assistentes de Orunmilá e ainda Rei de Ketu, sob o nome de *Èsù Alákétú*.

Mas, o que significa a palavra **elegbara**?

A palavra *elegbara* significa “aquele que é possuidor do poder (*agbará*)” e está ligado à figura de Exu.

Um dos cargos de Exu na Nigéria, mais precisamente em Oyó, é o cargo denominado de *Èsù Àkeró* ou *Àkesán*, que significa "chefe de uma missão", pois este cargo tem como objetivo supervisionar as atividades do mercado do rei.

Exu praticamente não possui ewós ou quizilas. Aceita quase tudo que lhe oferecem.

É o dono de muitas ervas e entre elas aquela denominada de "vassourinha de Exu", que tanto serve para efetuar atos de limpeza, como também é utilizada como sabão, para lavar roupas de santo, como se faziam antigamente. A sua frutinha é pequenina e amarelada podendo também ser comida.

Os yorubás cultuam Exu em um pedaço de pedra porosa chamada *Yangi*, ou fazem um montículo grotescamente modelado na forma humana com olhos, nariz e boca feita de búzios. Ou ainda representam Exu em uma estatueta enfeitada com fileiras de búzios tendo em suas mãos pequeninas cabaças onde ele, Exu, carrega diversos pós de elementais da terra utilizados de forma bem precisa, em seus trabalhos.

Exu tem a capacidade de ser o mais sutil e astuto de todos os orixás. E quando as pessoas estão em falta com ele, simplesmente provoca mal entendidos e discussões entre elas e prepara-lhes inúmeras armadilhas. Diz um orikì que: “Exu é capaz de carregar o óleo que comprou no mercado numa simples peneira sem que este óleo se derrame”.

E assim é Exu, o orixá que faz:

### ***O ERRO VIRAR ACERTO E O ACERTO VIRAR ERRO.***

- **Exu e sua Multiplicidade**

Exu possui múltiplos e contraditórios aspectos. Devido a esta multiplicidade, ele desempenha diversas funções, produzindo vários nomes, como por exemplo, *Èsù Alákétú*.

Alákétú é uma denominação real dos soberanos da região africana de Ketu e quer dizer, “Senhor de Ketu”.

Como o nome de outros soberanos de outras regiões africanas, temos:

\*Aláàfin de Òyò

\*Aláàye de Èfòn

\*Óòni de Ifè e assim por diante.

*Èsù Alákétú* possui essa denominação quando Exu, através de uma artimanha, conseguiu ser o Rei da região, tornando-se um dos Reis de Ketu. Sendo que as comunidades dessa nação no Brasil, o reverenciam também com este nome.

Todos os assentamentos de Exu possuem elementos ligados às suas atividades. Atividades múltiplas que o fazem estar em todos os lugares: a terra, pó, a poeira vinda dos lugares onde ele atuará. Ali estão depositados como elemento de força diante dos pedidos.

Mas, não é só isso que leva os assentamentos de Exu. Alguns assentamentos possuem o vulto de uma figura humana com olhos para ver e para agir. Os assentamentos recebem nomes diversos como este *Èsù Alákétú* ou *Èsù Ebarabo* e outros mais.

## **O RITUAL DE ÌPÀDÉ NO CANDOMBLÉ**

A palavra *Ìpàdé* significa “encontro, reunião”. Da contração desta palavra surgiu o termo “padé” que ficou para determinar o "ritual do padé".

Nessa ocasião, todos os membros da casa devem estar no barracão. No momento do *ìpàdé* ou *padé* os Exus, Ancestrais, Orixás e pessoas filhos do *egbé* formam um conjunto muito importante.

O *ìpàdé* não é uma festa pública, não podendo aí nesse momento haver nenhuma conversa por parte dos participantes. Todos permanecem abaixados, ajoelhados em esteiras sem olhar o que se passa a sua volta. Este ato é por causa de *iyamin*. Se uma pessoa levantar a cabeça em hora indevida, as *iyamins* podem cegar esta pessoa naquele momento.

No ato do ìpàdé, só a Ìyamoró pode entrar e sair do barracão, pois a ela foi conferido um objeto (cuia) que a protege como escudo dos perigos das ajé(iyamin).

Na verdade, o ìpàdé é uma obrigação feminina. Não quero dizer com isso que homens não participem; apenas ressalto que quem controla o ìpàdé são as *Iyá Mí Ajé* ou “As Grandes Mães Feiticeiras”.

## **ERE**

### **Todo orixá está ligado a um ou vários Exus assim como a um Ere.**

A palavra *Ere* vem do yorubá *iré* que significa "brincadeira, divertimento". Daí a expressão *siré* que significa “fazer brincadeiras”.

O Ere(não confundir com criança que em yorubá é *omodé*) aparece instantaneamente logo após o transe do orixá, ou seja, o Ere é o intermediário entre o iniciado e o orixá.

Durante o ritual de iniciação, o Ere é de suma importância pois, é o Ere que muitas das vezes trará as várias mensagens do orixá do recém-iniciado. O Ere na verdade é a inconsciência do novo omon-orixá, pois o Ere é o responsável por muita coisa e ritos passados durante o período de reclusão.

O Ere conhece todas as preocupações do iyawo, também, aí chamado de *omon-tú* ou “criança-nova”. O comportamento do iniciado em estado de “Ere” é mais influenciado por certos aspectos de sua personalidade, que pelo caráter rígido e convencional atribuído a seu orixá.

Após o ritual do *orúko*, ou seja, “nome de iyawo” segue-se um novo ritual, ou o reaprendizado das coisas.

#### **• Os vários nomes de Ere**

Cada Ere traz um nome inspirado no arquétipo ou natureza do orixá ao qual está submetido, por exemplo:

- \* “Foguete” ou “Trovãozinho” para Xangô
- \* “Ferreirinho” para Ogun
- \* “Pingo de Ouro” para Oxum e assim por diante.

Agora, esses nomes não serão os mesmos em cada iyawo. Cada Ere trará um nome que, como expliquei, será inspirado no arquétipo ou natureza do orixá a que está submetido.

## **A IMPORTÂNCIA DAS PINTURAS**

Três elementos são utilizados nas casas de Candomblé, para diversas finalidades e são essenciais pela ação de proteção que exercem: Osun, Efun e Waji.

Osun e Waji são elementos vegetais e Efun é mineral. Todos são transformados em pó para preparar pintura, principalmente, a pintura do ori de iyawos, ou seja, das pessoas que se iniciam no Candomblé.

Osun, Efun e Waji servem aí para proteção da cabeça do iyawo, contra os efeitos negativos das ajé da sociedade das iyami. Isso porque, os pássaros enviados pelas ajé costumam pousar com as asas abertas sobre as cabeças das pessoas. Quando isso acontece, todo o mal fica nessas pessoas. Daí o procedimento de se pintar o iyawo.

Outra forma de se proteger das yamin é passar a mão constantemente pela cabeça, no intuito de impedir o pouso dos pássaros maus e que são denominados de *eleye*.

Portanto, vale ressaltar a importância da pintura de iyawo com esses elementos Osun, Efun e Waji, pois os mesmos neutralizam a cólera das yamins.

## O SIGNIFICADO DE PANÁ E KITANDA

Durante os ritos de iniciação, a pessoa é devidamente isolada mantendo contato somente com pessoas preparadas para cuidá-la.

Toda atenção lhe é dedicada, sendo-lhe destinada uma mãe criadeira também denominada de *ojúbòna*, para lhe assistir em tempo integral.

Um iyawo equivale a uma criança nova, recém-nascida e merecedora de todos os cuidados. Daí o iyawo também ser chamado de *omotun*, que quer dizer “criança nova”. Embora adulta e talvez bem vivida, a pessoa ao entrar para se iniciar se transforma numa criança, pois é um ser novo que nasce para a religião. Por esse motivo, após o ritual do oruko, ou seja, do nome de iyawo, torna-se necessário um novo ritual: o reaprendizado das coisas, que no Candomblé de Ketu chama-se **Paná** e nos de Angola, **Kitanda**.

A palavra *paná* em yorubá significa “fim do castigo”, em referência a quebra da rigidez exigida durante o começo da iniciação (banhos, pintura, raspagem) e *kitanda*, em kimbundo, significa “feira, mercado”.

Essa maior liberdade é proporcionada pela presença de entidades chamadas no Ketu de *ere*. Estas entidades têm características infantis proporcionando ao iyawo um certo relaxamento e repouso.

Estes rituais paná (no Ketu) e kitanda (no Angola) representam em verdade a quebra das kizilas em que o iyawo estava submetido durante o tempo de recolhimento. É o reaprendizado dos gestos e ações do dia a dia. Por isso, são colocados objetos como: tesoura, lápis, linha, agulha, vassoura, copos, pratos e ainda colocam-se frutas para serem vendidas. Enquanto os homens imitam trabalhos no campo, as mulheres representam tarefas caseiras. Mas tudo isso é feito num clima de total alegria.

Mas, o iyawo ainda sofrerá alguns *èwò* durante algum tempo, tais como: não vai à praia, não toma bebida alcoólica, só se veste de branco e comporta-se de forma submissa diante dos mais velhos, além de não receber a benção com a cabeça coberta. Enfatizo que iyawo não toma benção com a cabeça coberta.

*Adosu* e *Iyawo* são denominações nas casas de Ketu; *Muzenza*, nas casas de Angola e *Vodunsi*, nas de Jeje.

- **Kizila ou Èèwò**

Tudo aquilo que provoca uma reação contrária ao axé, dá-se o nome de kizila ou èèwò, ou seja, são as energias contrárias a energia positiva do orixá. Estas energias negativas podem estar em alimentos, cores, situações, animais e até mesmo na própria natureza.

Como algumas kizilas ou èèwò dos orixás, tem-se:

\*Exu - água e mel em excesso

\*Ogun - quiabo

\*Oxossy - mel de abelha

\*Yansã - abóbora

\*Oxalá - dendê

## **SANGO (XANGÔ)**

Xangô teria sido o 4o (quarto) alafin de Òyó, sendo filho de Òrànmiyàn e Íyamasé Torossi que era filha de Élempé, Rei dos Tapás.

Xangô cresceu no país de sua mãe e mais tarde foi para Kosó, onde dominou os habitantes pela força. Depois disto, foi para Oyó onde instalou uma aldeia com o nome de Kosó.

Xangô é viril e atrevido, violento e justiceiro. Castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Por esse motivo, a morte pelo raio é considerada infamante. Da mesma forma, uma casa atingida por um raio é uma casa marcada pela cólera de Xangô. Como relatei, Xangô possui temperamento imperioso e viril, tendo desposado 03 (três) divindades: Obá, Oyá e Oxum.

Os símbolos de Xangô são o Osé, um machado sagrado de duas lâminas que seus elegun trazem nas mãos quando possuídos por ele.

Xangô tem ainda o seré como símbolo que tem a forma de uma cabaça alongada que contém no seu interior pequenos grãos e quando agitados produzem ruídos similar aos da chuva.

Xangô usa ainda uma grande bolsa a tira-colo chamada de Labá. Dentro do Labá, Xangô guarda seus Edun Ará que são as pedras de raio que ele lança sobre a terra durante as tempestades e também contra seus inimigos nas batalhas.

Este orixá usa também uma coroa de cobre enfeitada com búzios chamada de adé de bayni e que deu origem no país de yorubá a uma das festividades de Xangô.

Em um itan diz o porquê de Xangô não usar o obí. Foi quando Olodumare castigou Xangô tomando-lhe o pilão (também, um dos seus símbolos). Xangô, arrependido e desesperado, enforcou-se num pé de obí. Porém, Olodumare o perdoou e consentiu que ele retorna-se ao aiyê como orixá, para fazer justiça aos homens que não se portavam

bem. Contudo, Xangô ficou proibido de usar o obí que transformou-se em seu èèwò ou kizila, pois lembra-lhe a passagem pela vida e a morte na terra.

## IRÓKÒ

Irókò é um orixá originário de Íwerè, região que fica ao leste de Oyó na Nigéria.

Irókò tem um temperamento estável, de caráter firme e em alguns casos violento. Daí muitas das vezes ser comparado com Xangô.

Na Nigéria, Irókò é cultuado numa árvore que tem o mesmo nome. Porém, no Brasil esta árvore foi substituída pela gameleira-branca que apresenta as mesmas características da árvore usada na África. É nesta árvore, a gameleira-branca, que fica acentuado o caráter reto e firme do orixá pois suas raízes fortes, firmes e profundas, dão uma estrutura sólida aos filhos deste orixá.

Irókò ainda é tido com árvore guardiã da casa de Candomblé pois, ter esta árvore plantada no terreno da casa de Candomblé representa força e poder.

Irókò foi associado ao vodun daomeano Loko dos negros de dinastia Jeje e ainda ao inkice Tempo, dos negros bantos.

Irókò, na verdade, é o orixá dos bosques nigerianos, onde lá na Nigéria é muito temido, porque como conta um itan, ninguém se atrevia a entrar num bosque sem antes reverenciá-lo.

No Brasil, é nos pés da gameleira-branca que fica seu assentamento e também é ali que são oferecidas suas oferendas.

Sua cor é o branco e ainda usa palha da costa em sua vestimenta. Sua comida tem por base o ajabó, o caruru, feijão fradinho, o duburu, o acassá, o ebo e outras.

## O QUE SIGNIFICA ADÚRÀ?

A palavra *adúrà* é do yorubá e significa “reza, prece ou oração”.

Estas *adúrà* ou orações tem por finalidade invocar os orixás, e também, solicitar ajuda para os problemas do dia a dia.

Porém, o que seria *oríki*?

Oríki, na verdade, seria um aglutinado de palavras usadas pelos yorubás na hora de fazerem sacrifícios ou pedidos aos orixás. O *oríki*, diferente da *adúrà*, seria a “súplica”.

É isto! A *adúrà* é a reza ou oração própria do orixá que não pode ser mexida. Enquanto o *oríki* são palavras expressas de forma intimista com o orixá, podendo ser modificado dependendo da ocasião em que for dito.

Abaixo, uma **Adúrà à Odé**:

*Ode amoji elere*  
*Otiti ami ilú uo biojo*  
*Ari sokoto penpe guibon eni onã ikiré*  
*Boba guibo ma da miran sí*  
*Ode alaja pa amu ouem obó*  
*Baba mí fiki fiki ekun ako oru*  
*Ma jeki owo son mí*  
*Ode wa fun mí, ni alafíá*

“Caçador, pessoa forte que sacode a cidade  
Pessoa que veste bermuda nas estradas molhadas da cidade de Ikiré  
Se forem rasgadas ele tem outras  
Caçador que tem cachorros, que matam qualquer animal  
Meu Pai, o forte leopardo que não tem medo da madrugada  
Não me deixa faltar dinheiro  
Caçador, dê-me a paz”

## **PARA SE TER SORTE**

Quem não quer ter sorte, fartura, prosperidade dentro de sua casa? Eu acredito que todos. Por isso, divulgo para vocês uma oferenda para trazer sorte, fartura e prosperidade.

Em um Sábado de lua cheia, vocês devem adquirir:

- \*01 alguidar pequeno
- \*01 estrela do mar daquelas pequeninas
- \*01 ímã em forma de ferradura
- \*05 moedas correntes do mesmo valor
- \*05 punhados de girassol
- \*05 punhados de açúcar cristal
- \*01 pedaço de pano branco virgem

Depois de lavar bem o alguidar e colocá-lo em cima do pano branco, vocês devem colocar a estrela do mar no fundo do alguidar. No meio da estrela, colocar o ímã e em cada ponta uma moeda e um punhado de açúcar cristal e de girassol.

Como expliquei, isto deve ser feito num Sábado de lua cheia, portanto vocês devem fazer olhando para a lua e pedindo que vocês tenham sorte, fartura e prosperidade. Em seguida, vocês devem embrulhar no pano branco e esquecer este embrulho num canto alto da casa e só repetir de 05 em 05 (cinco) meses, despachando o velho num galho alto de uma árvore bem frondosa e repetir o ritual.

## **OMOLU & OBÀLÚWÀIYÉ - O RITUAL DE ÓLÙGBAJÉ**

O lugar de origem de Omolu ou Obàlúwàiyé é incerto. Há grandes possibilidades que tenha sido em território Tapá ou Nupê e se esta não for sua origem, seria pelo menos um ponto de divisão dessa crença. Além disso, o seu culto foi mais difundido no antigo Dahomé, região dos negros mahins.

Conta-se em Ibadan, que Obàlúwàiyé teria sido antigamente o Rei dos Tapás. Uma lenda de Ifá confirma esta última suposição. Obàlúwàiyé era originário de Empê e havia levado seus guerreiros em expedição aos quatro cantos da terra. Uma ferida feita por suas flechas tornava as pessoas cegas, surdas ou mancadas. Obàlúwàiyé chegou assim ao território Mahin, ao norte do Dahomé, batendo e dizimando seus inimigos. Pôs-se a massacrar e a destruir tudo que encontrava à sua frente. Os mahins, porém, tendo consultado um Babalawo aprenderam como acalmar Obàlúwàiyé, com oferendas especiais. Assim tranquilizado pelas atenções recebidas, Obàlúwàiyé mandou-os construir um palácio onde ele passaria a morar, não mais voltando ao país de Empê. Mahin prosperou e tudo se acalmou!

A palavra **Obàlúwàiyé** quer dizer: *oba*= "rei" e *luàiyé*= "dono da terra". Já **Omolu** significa *Omo*= "filho" e *Lu*= "senhor"; "Filho do Senhor". Na verdade, trata-se da mesma entidade sendo que Omolu refere-se a forma velha do orixá e Obàlúwàiyé, refere-se a forma jovem.

Obàlúwàiyé é o símbolo da terra, médico e senhor das epidemias, Deus da bexiga. Corresponde a pele e assim castiga com as doenças de pele: dermatose, varíola, lepra, etc. Como estas doenças começam com vômitos, tem sob guarda as plantas estomacais e depurativas. As pústulas da doenças são consideradas "vulcões". Assim, como a panela de barro emborcada nos assentamentos do santo simboliza a marca deixada pela doença.

Obàlúwàiyé representa a terra e o sol, aliás, ele é o próprio sol, por isso usa uma coroa de palha ou azê, que tampa seu rosto, porque sem ela as pessoas não poderiam olhar para ele. Ninguém pode olhar o sol diretamente. Sua matéria de origem é a terra e como tal ele é o resultado de um processo anterior. Relaciona-se também com os espíritos contidos na terra.

O colar que o simboliza é o làdgbá, cujas contas são feitas da semente existente dentro da fruta do igí-opé ou palmeiras pretas.

Lidera o poder dos espíritos dos ancestrais os quais o seguem. Oculta sob o saio o mistério da morte e do renascimento. Ele é a própria terra que recebe nossos corpos para que vire pó.

Obàlúwàiyé mede a riqueza com cântaros, mas o povo esqueceu-se de sua riqueza e só se lembra dele como o orixá da moléstia, atribuindo-lhe a responsabilidade das doenças endêmicas existentes na terra.

No mês de agosto, Obàlúwàiyé é muito festejado no rito do Ólùgbajé, onde *Olu*= "senhor" e *Baje*= "comer junto". Portanto, Ólùgbajé quer dizer "comer junto".

Esta festa consiste em se oferecer várias comidas não só a este orixá, mas a vários orixás que se farão presentes. Ainda no Ólùgbajé, a participação de todos que estão na

festa é muito importante pois, a todos serão servidos pequenas porções das comidas de orixá, porque como o próprio rito diz não se pode recusar a comida oferecida em um Ólùgbajé.

O guguru – buburu, ainda doburu, ou seja, a pipoca é um dos alimentos principais deste dia.

Parabéns para todos vocês que no mês de agosto reverenciam à Obàlúwàiyé e festejam o Ólùgbajé!

Atoto!

## ÒSÁNYÌN (OSSAIM)

Òsányìn é o detentor do segredo de todas as ervas existentes.

Cada divindade tem as suas ervas e folhas particulares, mas só Òsányìn conhece profundamente o poder ou axé das folhas.

O poder de Òsányìn está num pássaro que é o seu mensageiro. Este pássaro voa por toda parte do mundo e pousa em cima da cabeça de Òsányìn para lhe contar todos os acontecimentos. Este pássaro é um simbolismo bastante conhecido das feiticeiras freqüentemente chamadas de *elewú-eiyé*, ou seja, "proprietárias do pássaro-poder".

Òsányìn vive na floresta em companhia de àroni, um anãozinho de uma perna só que fuma um cachimbo feito de casca de caracol enfiado num talo oco cheio de suas folhas favoritas.

Os Oloòsányìn ou Babalòsányìn são também chamados de *ònìsegun*, "curandeiros" em virtude de suas atividades no domínio das plantas medicinais.

Um Babalòsányìn quando vai colher as plantas está num total estado de pureza: abstem-se de relações sexuais, na noite anterior, e vai para floresta durante a madrugada sem dirigir a palavra a ninguém. Além disso, arreia uma oferenda a Òsányìn na entrada da floresta no intuito de pedir licença, para colher as ervas para seus trabalhos. Ainda ao entrar na mata mastiga durante algum tempo elementos mágicos como obì ou pimenta da costa.

As folhas e as plantas constituem a emanção direta do poder da terra fertilizada pela chuva. São como as escamas e as penas que representam o procriado.

O sumo das folhas é também chamado de *èjé ewé* ou "sangue das folhas" e é um dos axés mais poderosos que traz em si o poder do que nasce e do que advém. No ato de se macerar as folhas, entoa-se cânticos chamados de *sàsányìn*.

## AS ÁGUAS E OS ORIXÁS FEMININOS

A água é muito utilizada nas casa de Candomblé. Em muitos ritos ela aparece tendo um significado muito importante, desde o rito do ìpàdé, quando ela é utilizada para acalmar as ajé, até o ritual das águas de Oxalá, quando ela representa a limpeza lustral do egbe.

Colocar água sobre a terra significa não só fecundá-la, mas também restituir-lhe seu sangue branco com o qual ela alimenta e propicia tudo que nasce e cresce em

decorrência, os pedidos e rituais a serem desenvolvidos. Deitar água é iniciar e propiciar um ciclo. Diria ainda que as águas de Oxalá pelas quais começa o ano litúrgico yorubá tem precisamente este significado.

É comum ao se chegar a uma entrada de uma casa de Candomblé vir uma filha da casa com uma quartinha com água e despejar esta água nos lados direito e esquerdo da entrada da casa. Este ato é para acalmar Exu e também para despachar qualquer mal que por ventura possa estar acompanhando esta pessoa. Neste caso, a água entra como um escudo contra o mal.

Entre os eboras ou orixás femininos, destacamos aqui Nàna que está associada à terra, à lama e também às águas. Nàna ou Nàna Burúkú ou Nàna Bukú, como é chamada no antigo Dahomé, foi considerada como o ancestre feminino dos povos fons.

Outro orixá feminino associado à água é o orixá Òsun. Oxum tem toda a sua história ligada às águas pois, na Nigéria, Òsun é a divindade do rio que recebe o mesmo nome do orixá.

Oyá ou Yánsàn, divindade dos ventos e tempestades, também está ligada às águas, pois na Nigéria Oyá é dona do rio Niger, também chamado pelos yorubás de Odò Oyá ou "Rio de Oya".

Não diferente dos demais orixás femininos, Yemanjá também está muito ligada às águas. É o orixá que em terra yorubá é patrona de dois rios: o rio Yemonja e o rio Ogun – não confundir com o orixá Ogun, Deus do ferro. Daí Yemonja estar associada à expressão Odò Iyá, ou seja, "Mãe dos Rios".

Resumindo, a água é um elemento natural aos orixás femininos. Não só dentro do culto de Candomblé, mas como em toda a vida, ela é de suma importância pois, como é dito, a água é o princípio da vida.

## **ÒSUN (OXUM) - ORIGEM DO NOME DE OSOGBO**

Òsun é o orixá considerado mãe da água doce e senhora do ouro.

O arquétipo das filhas de Òsun é o das mulheres graciosas e elegantes gostando do conforto, bom gosto e tendo um toque aristocrático em tudo que fazem.

Òsun também chamada de Iyalòòide em Osogbò, na Nigéria, onde *iyá*= "mãe" e *lòòde*= "rainha de todos os rios".

Òsun tem fundamentalmente seus axés nas pedras do Rio Osun, nas jóias de cobre e num pente de tartaruga. O amor de Òsun pelo cobre, o metal mais precioso do país yorubá nos tempos antigos é mencionado nas saudações que assim lhe são dirigidas:

“Mulher elegante que tem jóias de cobre maciço.

É uma cliente dos mercadores de cobre.

Òsun limpa suas jóias de cobre antes de limpar seus filhos.”

No Brasil, Òsun foi ligada ao ouro, isso devido a esse metal ser de grande importância para a confecção de jóias, uma das paixões de Òsun.

A cidade de Osogbò recebeu este nome depois que Laro, após muitas atribuições, veio instalar-se às margens do rio Òsun. Laro achou aquele local ideal para estabelecer uma cidade e ali fixar seu povo. Dias depois, uma das suas filhas foi banhar-se no rio e desapareceu sob as águas. No dia seguinte, ela retornou muito bem vestida e enfeitada com muitas jóias, dizendo ter sido muito bem tratada pela divindade do rio. Agradecendo então o regresso de sua filha, Laro dedicou à Òsun muitas oferendas e numerosos peixes. Mensageiros da divindade vieram comer em sinal de aceitação às oferendas que Laro havia depositado nas águas. Um grande peixe cuspiu-lhe água e ele a recolheu numa cabaça e bebeu: estava selada a aliança entre Òsun & Laro. Este peixe saltou sobre as mãos de Laro e a partir desse momento recebeu o título de Ataoejá ou Atáoja, que quer dizer “aquele que recebe o peixe (ejá)” e declarou Òsun Gbó ou “Òsun está em estado de maturidade”.

Essa foi a origem do nome da cidade de Òsogbo, onde até os dias de hoje encontram-se os descendentes de Laro que honram o pacto feito no passado.

## YÁNSÀN (YANSÃ)

Oyá ou Yansã está muito ligada ao culto de egúngún, pois é ela que encaminha os espíritos dos mortos para o òrun, através do ritual do àsèsè.

Segundo a tradição yorubá, Yansã é o único orixá que pode virar no àsèsè.

*Oya-Ibále* ou *Balé* é o título que Yansã recebe dentro da sociedade de egúngún. A palavra *Ygbalé* que em yorubá quer dizer “governanta” atribui-se ao fato de que Yansã governou uma província na cidade de Abeokuta. Nesta província morava um molusí que é um sacerdote de um culto a Omolu e foi com este sacerdote que Yansã aprendeu todos os mistérios de Omolu. A partir daí, Yansã ou *Oyá-Ibále* passou a usar o branco em respeito aos mistérios e conhecimentos adquiridos no culto a Omolu, ou o "Filho do Senhor".

Outra divindade que está muito ligada ao culto de Oyá ou Yansã é a divindade Eborá Yoruba denominada de Onirá. Onirá, como o próprio nome sugere, foi uma sacerdotisa do culto à Oxum nas regiões Ilexá e Ijebu, na Nigéria.

Onirá fazia parte das mulheres guerreiras que guardavam os domínios de Oxum. Conta-se que foi Onirá que ajudou Laro a fazer o grande pacto na região de Oxobo. Onirá, em verdade, seria uma das filhas de Laro e é ela que no dia da festa anual à Oxum, em Oxobo, que carrega a cabaça contendo os objetos sagrados de Oxum, ou seja, Onirá é a *Arugba Oxum* ou "aquela que leva a cabaça de Oxum". Isto porque, como desvenda o mito, Onirá teria desaparecido dentro do rio e mediante a graça de Oxum, reapareceu divinamente vestida. Este é o motivo da associação de Onirá com Oxum.

## O RELACIONAMENTO DE YANSÃ COM O NÚMERO 09

O òrun é composto por nove espaços, sendo que o quinto ou espaço do meio é denominado de *àiyé*, que é a terra onde vivemos.

Na verdade, o òrun é uma massa infinita sem local determinado, sem começo e sem fim que segundo a tradição yorubá é sustentado pelo ala-kokô, uma árvore sagrada, cujo tronco é o próprio eixo que sustenta o òrun atravessando assim os nove espaços. Daí Yansã ser chamada de *Iyá Mèsàn Òrun* que significa “Mãe dos Nove Espaços do Òrun”. Yansã também é chamada de *Ya Unlá Kokô* ou “A grande Senhora Ala-Kokô”, porque cada espaço do òrun pertence na verdade a um filho de Yansã; sendo que o último, ou o nono, pertence à Egun. É por isso a grande associação de Yansã com o número 9 (nove) e com os mortos.

Ainda vendo esta associação de Yansã com o número 9 (nove), vemos que na Nigéria, em Banigbe, o nome recebido pelo orixá como Abesan, deu origem à expressão Aborimesan, que significa “com nove cabeças” fazendo aí alusão aos nove braços do delta do Rio Niger, origem verdadeira de Yansã ou Oyá, como é chamada na terra yorubá.

Agora, por que o Orixá é chamado de **Oyá**?

Conta um itan que uma cidade chamada Ipô estava ameaçada de destruição pelos Tapás. Para que isso não acontecesse foi feita uma oferenda das roupas do rei dos Ipôs. Estas roupas ofertadas eram tão bonitas que as galinhas do lugar puseram-se a cacarejar de surpresa. Daí acreditar-se que as galinhas cacarejam até hoje, sempre que surpresas. Este traje do Rei dos Ipôs foi rasgado (Ya) em dois, para apoiar as cabeças das oferendas. Daí surgiu uma água que se espalhou (Ya) e inundou em volta da cidade, afogando os Tapás que queriam destruir Ipô. Foi a partir daí que os habitantes de Ipô batizaram o Rio de Odò-Oyá e é em alusão a este itan que o orixá passou a chamar-se Oyá.

## **ABIYAN**

### **Dentro dos cultos afros-brasileiros existe uma categoria de pessoas que são classificadas de Abiyans.**

A palavra *Abiyan* quer dizer: *Abi*= "aquele que" e *An*= seria uma contração de "Onã", que quer dizer “caminho”. As duas palavras aglutinadas formaram o termo *Abiyan*, que quer dizer “aquele que começa”, “um novo caminho”. E é isto, o *Abiyan* é uma pessoa que está começando um novo caminho, uma nova vida espiritual.

O *Abiyan* também pode ter fios de contas lavados, obrigação de bori e, até em alguns casos, ter orixá assentado.

O *Abiyan* é um pré-iniciado e não um simples frequentador, como muitas das vezes é classificado.

Um *Abiyan* pode desempenhar várias atividades dentro de um terreiro, como por exemplo, varrer, ajudar na limpeza, ajudar nos cafés da manhã e almoços comunitários

realizados em dias de festas de orixá, lavar louças, ajudar na decoração do barracão, enfim, o Abiyan pode desempenhar várias tarefas sem maior envolvimento religioso.

O período de Abiyan é de muita importância pois, é nesse período que o recém-chegado no Candomblé passa a observar o comportamento e a conviver com os já iniciados.

Existem pessoas que passaram por um longo período sendo Abiyan, antes de se iniciarem no Candomblé. Portanto, vale ressaltar a importância deste período, ou seja, Abiyan e dizer que o frequentador em yorubá, chama-se Lemó-mú.

## **ABIKU & ABIAXÉ**

A palavra *Abiku* quer dizer “aquele que vive e morre e vive novamente” ou ainda “nascido para morrer”.

Os Abikús são crianças que trazem a marca da “morte” ainda no ventre materno. Os yorubás acreditam que os Abikús já trazem consigo o dia e a hora em que vão retornar para o “outro lado da vida”.

De um modo geral, esse tempo é determinado entre o nascimento e os 7(sete) anos de vida. Na Nigéria assim que nasce um Abikú são tomadas providências imediatas para que essas crianças permaneçam vivas aqui no aiyé, ou seja, na terra.

Segue algumas das providências que são tomadas: assim que nasce a criança Abikú é levada e banhada num rio para que sejam afastados os espíritos que possam acompanhar essa criança. Depois são feitas várias pinturas em determinadas partes do corpo da criança Abikú e são postos em suas pernas, braços e pulsos diversos amuletos que também servem para neutralizar os antepassados Abikús dessa criança.

Na verdade, só se nasce Abikú se tiver antepassado Abikú.

Agora, o que seria um **Àbíásé**?

O Àbíásé é a pessoa que recebeu todo o axé de feitura ainda na barriga da mãe, ou seja, quando a mãe estava recolhida, ela estava grávida. Daí esta criança ao nascer ser denominada de Àbíásé, não precisando portanto ser iniciada pois, como dizem dentro do culto, “já nasceu feita”.

## **SENTIDO DAS PALAVRAS**

As palavras yorubás, ewes e as do dialeto kimbundo são as mais usadas nas casas de Candomblé. Muitas dessas palavras sofreram modificações nos seus sentidos reais, ou seja, muitas delas são empregadas de forma diferente do seu real sentido. É isso que vamos entender agora:

- A palavra “perdão” em yorubá é *afó-riji*.
- *Monà* em yorubá significa “certamente; sim”. Não confundir com a palavra *mona* da língua kimbundo. “Mulher” em yorubá é *obin-rin* e em ewe, *ionú*.

- A palavra “licença” em yorubá é *aiyè-lujará*. No Brasil, a palavra “licença” foi identificada com a palavra *àgò*, que na verdade em yorubá é *yàgò*, ou seja, *àgò* é uma contração da palavra yorubá *yàgò* que na verdade significa “abram caminho”.

## ÁGUAS DE OSALA(OXALÁ)

O ciclo anual das cerimônias, que envolvem os rituais de origem africanista, encontra nas Águas de Osala fator máximo de importância por dois motivos: inicia as atividades religiosas e prepara essas atividades através da purificação.

É preciso observar inicialmente que o ano religioso africano não se identifica com o nosso ano legal. Não vai de 1o de janeiro a 31 de dezembro. Ele é baseado tomando como ponto de referência as estações climáticas: primavera, verão, outono e inverno, que determinam as datas das cerimônias. Por obra do sincretismo religioso, as datas festivas dos santos católicos passaram a servir como referência. Isto em alguns Candomblés, porque nos mais tradicionais, por exemplo, no Engenho Velho, é realizada na última sexta-feira de agosto e no Asé Opó Afonjá, na última sexta-feira de setembro. Entendemos assim que as Águas de Oxalá é feita em época próxima a entrada da primavera (22 de setembro).

A finalidade principal deste rito é preparar a casa para as demais atividades do ano religioso e também purificar todo o egbé.

Este ritual divide-se em 03 (três) partes distintas: Águas de Oxalá, Procissão de Osalufan e o Pilão de Osaguan, todas explicadas no seguinte mito:

Osalufan devia ir na terra de Kùsó visitar seu filho Xangô. Antes, porém, consultou primeiramente Ifá para saber se tudo correria bem durante a viagem. Odù saiu Ejjionilé. Mesmo assim, Osalufan insistiu em ir. Devido a isto foi aconselhado a não negar nada a ninguém o que fosse pedido e mais ainda que levasse consigo sabão da costa, obí e três roupas brancas.

Seguindo caminho, encontrou por 03 (três) vezes Exu: Exu Elepo, Exu Idu e Exu Adi que lhe pediu sucessivamente para ajudá-lo a carregar na cabeça uma barriga de azeite de dendê, uma carga de carvão e outra de óleo de amêndoas ou xoxo. As três vezes Exu derramou o conteúdo sobre Osalufan. Mas este sem se queixar, lavou-se e trocou as três mudas de roupas e continuou a viagem. Osalufan havia dado de presente a Xangô um cavalo branco, o qual havia desaparecido do reinado fazia bastante tempo. Os escravos de Xangô andavam por toda parte para encontrá-lo e eis que Osalufan passando por um mineral, apanhou algumas espigas de milho e ao mesmo tempo deparou-se com o cavalo perdido de Xangô. O cavalo também reconheceu Osalufan e lhe acompanhou. Nesse instante, chegaram os escravos de Xangô, gritando: *Olé Esim Oba*, que quer dizer "ladrão do cavalo do rei". Não reconhecendo Osalufan, deram-lhe vários golpes e em seguida jogaram-no na prisão. Osalufan permaneceu 07 (sete) anos preso. Enquanto isso no Reino de Xangô tudo corria mal. Xangô preocupado consultou um Babalawo. Este revelou o motivo daquilo tudo. Disse o Babalawo a Xangô: “Algum inocente paga injustamente em tuas prisões”. Xangô, então, ordenou que os prisioneiros comparecessem diante dele e reconheceu seu pai. Enviou então os escravos vestidos de

branco até uma fonte vizinha para lavar Osalufan, sem falar uma palavra, em sinal de tristeza. Depois, Xangô, em sinal de humildade, carregou Osalufan nas costas de volta até o Palácio de Osaguian. Osaguian, muito alegre com o regresso de Osalufan, ofereceu um grande banquete.

Esse mito mostra todo o caminho seguido no ritual **Águas de Oxalá**.

## **PARTE IV: NAÇÃO ANGOLA**

### **TEMPO**

Tempo ou kitembo é um inkice da nação de Angola que assemelha-se ao Iroko da nação Ketu e ao vodun Loko da nação Jeje.

Tempo é o inkice senhor das estações do ano, regente das mutações climáticas. Ainda, é considerado o Pai da Mionga, que é o banho usado pelos seguidores e iniciados da Nação de Angola, tendo sua maior vibração justamente ao ar livre, ou seja, no tempo. É exatamente ali, no tempo, que este banho feito de ervas, água do mar, de cachoeira, de rio, chuva e outros elementais vai consagrar através de tempo este iniciado.

Tempo está associado à escala do crescimento, por isso sua ferramenta é uma escada com uma lança voltada para cima, em referência ao próprio tempo.

Como expliquei, este inkice rege as estações do ano e está ligado ao frio, ao calor, a seca, as tempestades, ao ambiente pesado e ao ambiente agradável.

Conta uma lenda da Nação de Angola, que Tempo era um homem muito agitado que fazia e resolvia muitas coisas ao mesmo tempo. Entretanto, este homem vivia reclamando e cobrando de Zambi que o dia era muito pequeno para fazer e resolver tudo que quisesse. Um dia, Zambi lhe disse: “Eu errei em sua criação, pois você é muito apressado.” Ele então respondeu a Zambi: “Não tenho culpa se o dia é pequeno e as horas miúdas, não dando tempo para realizar tudo que planejo”. A partir desse momento, Zambi então determinou que esse homem passa-se a controlar o tempo. Tendo domínio sobre os elementais e movimentos da natureza. Assim nasceu o inkice Tempo

## **OS CARGOS NA NAÇÃO DE ANGOLA**

A partir da Mameto de inkice Maria Nenen e de outros Tatetos como Bernardinho e Ciri Aco, o culto banto ou Candomblé da Nação de Angola, como é chamado o culto no Brasil, teve maior destaque na comunidade afro-brasileira.

Estes negros ou bantos, como eram chamados devido a língua que falavam, seguiam a tradição religiosa de lugares como: Casanje, Munjolo, Cabinda, Luanda entre outros.

Mas, o culto banto tem sua liturgia particular e muito diferenciada das culturas yorubá e fon.

Abaixo, encontram-se desmembrados os cargos e funções em um Candomblé Banto:

|                   |  |
|-------------------|--|
| Tata Ria Inkice   | Zelador / Pai                                      |
| Mameto Ria Inkice | Zeladora / Mãe                                     |
| Tata Ndenge       | Pai pequeno  |
| Kixika Ingoma     | Tocador  |
| Tata Kambono      | Ogan   |
| Tatta Kivonda     | Aquele que sacrifica os animais                    |
| Kinsaba           | O que colhe folhas                                 |
| Kikala Mukaxe     | Filho de santo                                     |
| Tata Utala        | Herdeiro da casa                                   |
| Dikota            | Eledi  |
| Kijingu           | Cargo  |
| Tata Unganga      | O que joga búzios                                  |
| Zakae Npanzo      | Troncos de árvores colocados nas portas dos santos |
| Munzenza          | Iniciado   |
| Ndunbe            | Abian  |
| Vumbi             | Egun   |
| Dizungu Kilumbe   | Saída de santo                                     |
| Dimba Inkice      | Obrigações oferecidas aos Santos                   |
| Kumbi Ngoma       | Dias de toque                                      |
| Kufumala          | Defumação  |
| Dizungu Nlungu    | Ordem do barco***                                  |
| Sukuranise        | Troca das águas nas quartinhas                     |
| Kota              | Filhos com mais de 07 anos de feitura              |

**\*\*\*Ordem do barco:**

- 1o Kamoxi Rianga
- 2o Kaiari Kairi
- 3o Katatu Kairi
- 4o Kakuãna Kauanã

## CAPOEIRA

A capoeira era prática dos negros bantos, mais precisamente, os negros vindos de Angola. Na Angola esta luta tinha uma forma, às vezes, mortal.

Para os escravos que fugiam das senzalas, a capoeira foi durante muito tempo condição de sobrevivência, arma de defesa e ataque.

O termo *capoeira* surgiu na época, porque era comum dizer-se que “o negro foi para capoeira” ou “caiu na capoeira” ou ainda, “meteu-se na capoeira”. A capoeira que se fala aqui era na verdade o mato bravio, sem nenhuma condição de sobrevivência. Mas,

era exatamente na capoeira ou no mato que os negros capoeiras, como eram chamados, faziam das suas.

Na época imperial, no Rio de Janeiro, os capoeiras deram muitos problemas para os vice-reis e eram uma ameaça para os cidadãos, acabando com festas, pondo a polícia para correr e enfrentando valentões.

Na Bahia, em meados do século passado, o governo da Província para se ver livre dos capoeiristas obrigou-lhes à força a ir para a Guerra do Paraguai. Estes negros capoeiras destacaram-se nos campos de batalhas pelos inúmeros atos de bravura, sendo uma das forças principais desta guerra.

Os mais famosos mestres foram: Querido de Deus, Marê, Bimba, Pastinha, Joel e sem esquecer, é claro, do insuperável Besouro de Santo Amaro, mais conhecido como: Mestre Mangangá.

Hoje, a capoeira transformou-se numa luta esportiva regulamentada com uma Federação que comporta inúmeras academias de capoeira.

Os golpes mais comuns desta luta são: o aú, a bananeira, a chapa-de-pé, a chibata, a meia-lua, o rabo-de-arraia, a rasteira, a tesoura e muitos outros

## CANDOMBLÉ DE CABOCLO

No século passado, quando surgiram os primeiros Candomblés de Caboclos, as reuniões eram realizadas aos domingos durante o dia.

Caboclo não tinha feitura, como não tem. Não pinta, não raspa, o que se costuma fazer é preparar, cortar um pouco do cabelo do alto da cabeça. Não há dijina.

Usa-se uma pintura chamada *acatun* apenas para definir sua origem.

Nos antigos Candomblés de Caboclo, não se usava atabaques; mas, sim cabaças grandes chamadas *takis* e outras chamadas *yá*. Com o decorrer do tempo, passou-se a se utilizar o atabaque (que em Angola denomina-se *ungoma*).

Não se usava o agôgo; usava-se o caxixi. Também não se usava o adjá para puxar o caboclo. O caboclo vinha sempre em sua toada ou cantiga.

Eis algumas expressões usadas nas reuniões de caboclo:

- \* água doce = *acambicú*
- \* água salgada = *kimbusú*
- \* mel de abelha = *kiamunibá*
- \* sal = *adukó*
- \* farinha = *camunfíó*
- \* pedir a benção = *adisuá*
- \* Deus lhe abençoe = *adisó*

Nos Candomblés de Caboclo, eles não usam aqueles ojás, que são de uso exclusivo dos orixás. Mas, usam uma tira de pano chamada de *atakan* ou *uji atakan fu ker*, que faz segurar o caboclo e é amarrado a altura do busto.

## PARTE V: UMBANDA

### UMBANDA

A Umbanda é uma das mais lindas expressões religiosas existentes. Religião que tem por base a prática da caridade e tem em uma de suas funções a elevação espiritual do médiun e das entidades que governam o próprio médiun.

A Umbanda é uma grande expressão religiosa nacional com maiores laços com o Rio de Janeiro.

Irradiou-se para os Estados de Minas Gerais, São Paulo e demais estados do Brasil e até nos E.U.A existem casas de Umbanda.

É um culto popular aceito em todas as camadas sociais e de fácil acesso.

A Umbanda, embora tenha origens em diversas raças e nações, torna-se simples à medida que o médiun adentra em seus conhecimentos.

Dentre muitas entidades que baixam nos inúmeros terreiros de Umbanda existentes, cito como exemplo: Caboclos e Pretos-Velhos, que são considerados como tendo muita luz espiritual, força e sabedoria. Em verdade, o ritual de Umbanda é uma variação de outros cultos, baseada no espiritismo e como disse, tendo por base a caridade.

- **Povo de Rua**

Povo de rua, compadres e comadres são denominações usadas na Umbanda para classificar entidades que trabalham num plano astral evolutivo. Estas entidades em alguns casos equivaleriam aos Exus das casas de Candomblé, frizo, em alguns casos, pois na verdade estas entidades trabalham e se portam de forma especial em seções particulares para elas.

Estas entidades são firmadas em um lugar chamado de tronqueira. É na tronqueira que eles, os compadres e as comadres, tem o seu lugar de destaque.

Saravá, Povo de Rua! Saravá, os Compadres e as Comadres de toda linha de Umbanda!

- **Conceitos de Umbanda**

A Umbanda é uma religião natural que segue minuciosos ensinamentos de várias vertentes da humanidade. Ela traz lições de amor e fraternidade sendo cósmica em seus conceitos e transcendental em seus fundamentos.

A essência, os conceitos básicos da Lei de Umbanda fundamentam-se no seguinte:

1. Existência de um Deus único
2. Crença de entidades espirituais em evolução
3. Crença em orixás e santos chefiando falanges que formam a hierarquia espiritual
4. Crença em guias mensageiros
5. Na existência da alma
6. Na prática da mediunidade sob forma de desenvolvimento espiritual do médiun

Essas são as principais características fundamentais das *Leis de Umbanda*, uma religião que prega a Paz, a União e a Caridade.

- **07(sete) Linhas de Umbanda**

A Umbanda se divide em 07(sete) linhas que são assim classificadas:

*1a Linha de Oxalá ou Linha de Santo*

- Nesta linha as falanges são de Santo Antônio, São Cosme e Damião, Santa Rita, Santa Catarina, Santo Expedito e São Francisco de Assis. Esta linha é responsável por desmanchar os trabalhos de magia.

*2a Linha de Yemanjá*

- Tem falanges das sereias que tem por chefe Oxum. Ainda nessa linha temos a falange das ondinas chefiada por Nanã; falange das caboclas do mar; Indaiá da falange dos Rios; Yara dos marinheiros e Tarimã das Calugas-Caluguinha da Estrela-guia.

*3a Linha do Oriente*

- Subdividida pelas falanges do Hindus, dos médicos, dos árabes, chineses, oriente, romanos e outra raças européias.

*4a Linha de Oxossy*

- Dividida nas falanges de Urubatão, Arariboia, Caboclo das 7 Encruzilhadas, Águia Branca e muitos outros índios chefes falangeiros que protegem contra magia, dão passes e ensinam o uso das plantas medicinais.

*5a Linha de Xangô*

- Dividida nas seguintes falanges: falange de Yansã, do Caboclo do Sol, Caboclo da Lua, Caboclo da Pedra Branca, Caboclo do Vento e Caboclo Treme-Terra.

*6a Linha de Ogun*

- Dividida nas falanges de Ogun Beira-Mar, Ogun Iara, Ogun Megê, Ogun Naruê, Ogun Rompe-Mato, esta linha protege os filhos contra as brigas, lutas e demandas.

*7a Linha Africana*

- Dividida nas falanges do Povo da Costa, Pai Francisco, Povo do Congo, Povo de Angola, Povo de Luanda, Povo de Cabinda e Povo de Guiné, eles prestam caridades e orientam os fiéis para a prática do bem.

- **A Dedicção do Médiun de Umbanda**

A Umbanda apresenta como mensagem religiosa a prática da caridade pura, o amor fraternal, a paz e a humildade. Ela também se propõe a produzir, pela magia, modificações existenciais que permitam a melhoria de vida do ser humano.

Através do ato da caridade e dedicação espiritual é que o médiun de Umbanda vai adquirindo elevação e consciência do valor de seu Dom mediúnico, que na verdade foi lhe dado por Zambi para que se aprimorasse aqui na terra.

As incorporações, os passes e descarregos feitos pelo médiun de Umbanda são todo o conjunto de afazeres espirituais que dia a dia fazem parte da vida do médiun. Portanto, o médiun é patrimônio maior desta maravilhosa religião de Umbanda.

- **Ponto Riscado na Umbanda**

O ponto riscado possui grande significado e valor mágico no culto de Umbanda. É através do ponto riscado que os guias contam toda sua história, sua origem e passagem do mundo material e astral.

O ponto riscado é um emblema-símbolo. Os símbolos são sinais expressos de forma que dão a entender uma intenção ou trajetória humana. No caso do ponto riscado, os guias usam a pomba para poder riscar os seus pontos ou símbolos espirituais.

Uma das grandes provas de incorporação na Umbanda é o ponto riscado, pois acredita-se que se uma entidade não estiver realmente bem incorporada ela não saberá riscar o ponto que a *identificará* das demais.

- **Guias**

Abaixo encontram-se relacionadas as cores das Guias (no Candomblé é chamado de Fio de Contas) de acordo com os Orixás:

|                  |                       |
|------------------|-----------------------|
| Exu              | preto e vermelho      |
| Ogun             | vermelho              |
| Oxossy           | verde                 |
| Xangô            | marrom                |
| Oxum             | azul claro            |
| Yansã ou Oyá     | amarelo ouro          |
| Omolu e Obaluayê | preto e branco        |
| Yemanjá          | crystal/azul e branco |
| Nanã             | roxo                  |
| Oxalá            | branco                |

- **A diferença entre “Tenda” e “Terreiro”**

A partir de 1904, começaram a surgir no Rio de Janeiro várias casas de Umbanda denominadas de "tendas". O termo tenda era utilizado para designar e distinguir a forma

de culto adotado. Tenda era a casa de Umbanda que era estabelecida em um sobrado, ou seja, no alto, pois era comum naquela época realizar sessões nestes lugares. Como exemplo, Tenda do Caboclo-Mirim, Tenda do Caboclo da Lua, Tenda de Ogun Megê e assim sucessivamente.

Já o termo terreiro foi adotado para designar aquelas casas que eram estabelecidas no chão. Daí serem classificadas de “Terreiro de Umbanda”. O terreiro foi muito mais difundido do que as tendas devido ao próprio espaço oferecido para culto e foi com esse tipo de associação religiosa que a Umbanda conquistou boa posição no país.

- **Gongá**

A palavra *gongá* é de origem banto e é utilizada no ritual de Umbanda para denominar o "altar sagrado" existente dentro do terreiro. Este altar ou gongá, como é chamado, é composto de imagens de santos católicos, caboclos, pretos-velhos e outras. Ainda no gongá tem em destaque a imagem da entidade espiritual que comanda o terreiro que de modo geral, em se tratando de Umbanda, poderá ser: um caboclo, um preto-velho ou ainda a imagem do orixá que governa a cabeça do médiun, chefe do terreiro.

O gongá, como expliquei, é o altar sagrado. Daí ele ter sempre uma cortina que poderá ser fechada sempre que o terreiro tiver funções que lidem com entidades como Exus e também em giras de correntes e descarregos. Essa atitude de se fechar a cortina do gongá é para se separar e isolar as diferentes faixas vibratórias espirituais que se vai trabalhar e ainda em respeito às entidades que se encontram estabelecidas no gongá.

Como se pode observar, o gongá representa para os médiuns umbandistas o lugar de mais alto respeito dentro de um terreiro de Umbanda.

- **Curiosidade: Periespírito**

Em um dos seus pilares teóricos espíritas, Allan Kardec diz que um espírito não é mais que um ser humano, despojado de um corpo físico. Diz ainda que o homem é constituído de três partes: alma, que seria imortal; periespírito, também chamado corpo astral; e um corpo físico.

Segundo ele, no momento da morte, a alma retira-se do corpo rodeada do periespírito que a individualiza e a mantém na sua forma humana. A forma do periespírito é a forma humana e quando aparece a nossa frente é geralmente aquela mesma sombra a qual conhecemos o espírito em vida. Portanto, o periespírito ou “fluido universal” seria definido então como semi-material e intermediário entre a matéria e o espírito.

- **Pretos-Velhos**

Existe na Umbanda uma linda falange denominada de “Falange dos Pretos-Velhos” ou “Linha das Almas”. Originários dos escravos no cativeiro, os pretos-velhos tem como característica principal a prática da caridade.

Como disse, os pretos-velhos viviam no cativeiro amontoados em senzalas, alimentavam-se de mingau de farinha, inhame, toucinho, banana, enfim comiam tudo

que tivesse calorias baratas. Eram submetidos às condições desumanas e implacáveis de trabalho. Só os mais fortes sobreviviam.

Um preto-velho quando incorpora no médiun vem de forma envergada, sob o peso dos anos de existência em vida na terra, senta-se com a dificuldade das juntas enrijecidas e os músculos fatigados num pequeno banco de madeira, que lembra o antigo tosco que existia nas senzalas.

Os pretos-velhos ainda fumam cachimbo de barro ou de madeira rudimentar, falando com os visitantes e filhos-de-santo, usando um linguajar comum aos escravos que não falavam bem o português.

Destaco abaixo alguns nomes de pretos-velhos que baixam prestando inúmeras caridades:

- \*Pai Joaquim da Angola
- \*Pai Joaquim do Congo
- \*Tia Maria
- \*Vovó Benedita
- \*Vovó Maria Conga
- \*Vovó Maria Redonda
- \*Vovó Cambinda
- \*Vovó Luíza
- \*Vovô Rei do Congo
- \*Vovó Catarina D'Angola

*Adorei as Almas!*

### • **Caboclo**

No culto de Umbanda, Oxossy é o chefe da linha de caboclos. O caboclo é a imagem do indígena nativo de nossa terra e quando incorporado, presta caridade, dá passes, canta, dança e anda de um lado para outro em lembranças aos tempos de aldeia.

Conhecedores de muitas ervas, os caboclos têm um papel muito importante: os remédios de ervas e amacis, em que amacis são mistura de ervas que maceradas servem para o fortalecimento do filho-de-santo.

Já os remédios de ervas são plantas ou ervas que combinadas ou sozinhas servem para aliviar ou até mesmo curar doenças.

Nisso tudo os caboclos têm participação muito especial e são encarados e interpretados pelo povo como uma entidade que veio ajudar e aliviar as pessoas dos seus problemas.

Cito aqui alguns nomes de caboclos:

- \*Caboclo 7 Estrelas
- \*Caboclo 7 Flexas

- \*Caboclo Guará
- \*Cabocla Jurema
- \*Cabocla Jandirá
- \*Caboclo Pena Branca

- **Boiadeiro**

Dentre muitos caboclos que baixam em vários terreiros, o Caboclo Boiadeiro tem sempre uma participação especial nas seções de caboclo.

Boiadeiro é muito respeitado e aplaudido por trazer de volta ao nosso convívio toda a sua experiência adquirida em tempos de boiada, do sertão bravio, do homem responsável pela conduta da boiada do seu patrão.

De um modo geral, Boiadeiro usa um chapéu de couro com abas largas (para protegê-lo do sol forte), calças arregaçadas e movimenta-se muito rápido. Um pequeno cântaro para carregar água, tão importante para a viagem. O chicote que usa para açoitar as rezas feroz. A corda, usada para laçar o boi brabo, ou para pegar aquele que se afasta da boiada, ou ainda usada para derrubar o boi para abate. Boiadeiro, na verdade, traz toda uma soma de sabedoria acumulada dessas viagens e vivências do campo. Na verdade, estamos descrevendo uma maravilhosa entidade de muita luz e muita força.

Abaixo, encontra-se a **Oração ao Caboclo**:

Salve meu Pai Oxossy  
Salve toda sua Macaia  
Salve todo o Juremá  
Saravá meu Caboclo Norikuá  
Caboclo Valente  
Que tem me amparado  
Nesta jornada terrena  
Obrigado, Caboclo!  
Por me guiare pelo caminho do Bem.  
Caboclo que pela graça de Oxalá  
Brilha na seara de Umbanda  
Okê-Caboclo! Podedete Acotera Didian  
Saravá Seu Norikuá!

**Oração à Cabocla Jurema**

Juremá, Linda Cabocla de Pena  
Rainha da Macaiá  
Ouve o meu Clamor.  
Jurema me livra dos perigos e das maldades  
Ô Cabocla, tu que és Rainha da folha  
Nunca me deixe em falta  
Que o teu bodoque seja sempre certo  
Contra os que tentarem me destruir.  
Jurema caminha comigo, ô Cabocla

E me ajuda nesta jornada da Terra.  
Jurema que a sua força, junto com vosso Pai Caboclo Tupinambá  
Me acompanhe hoje e sempre  
Em nome de Zambi,  
Salve a Cabocla Jurema!

Parabéns para todos que cultuam essa maravilhosa entidade!

Jetuá! Marrombaxeto!

### • **Culto à Jurema & Sua Importância**

O nome "Jurema" vem do tupi-guarani, onde *Ju* significa "espinho" e *Remá*, "cheiro ruim".

A jurema é uma planta da família da leguminosas. Os frutos das plantas leguminosas são vagens. Existem várias espécies de jurema, como por exemplo: Jureminha, Jurema Branca, Jurema Preta, Jurema da Pedra e Jurema Mirim.

Esta planta tem muita importância no culto espiritual dos caboclos e nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, tanto que dá nome a um culto chamado de "Culto à Jurema". Esse culto deve-se ao fato de que os nossos índios enterravam seus mortos junto a raiz da jurema. Daí passavam a cultuar esses mortos para que eles evoluíssem espiritualmente e habitassem o tronco da jurema ajudando a todos da tribo em suas necessidades.

No Nordeste, este culto recebeu outros nomes como: Toré, Curicuri Praiá e Juremado.

Mas, o culto de caboclo não ficou restrito apenas ao índio brasileiro. Os negros de origem banto incorporaram os caboclos aos seus cultos e passaram a chamar este culto de "Candomblé de Caboclo" ou "Samba de Caboclo".

Nos Juremados, o mestre utiliza-se de um maracá, espécie de chocalho e de um cachimbo feito às vezes de pinhão-roxo para soprar fumaça para à esquerda ou para a direita.

A jurema é utilizada para tomar banho de descarga com suas folhas. Serve como defumador para cura de dor de dente, doenças sexualmente transmissíveis, insônia, nervos, dores de cabeça. Faz ainda: figas, patuás, rosários. Utiliza-se para fazer rezas com suas folhas contra mau-olhado e olho-grande. Serve ainda para fazer um dos maiores fundamentos do Culto à Jurema, que é uma bebida à base de infusão das folhas da jurema, com casca do tronco e da raiz misturado com mel de abelha, garapa de cana-de-açúcar e cachaça. Essa é a bebida preferida dos Encantados que baixam no Toré e no Culto à Jurema.

## **PARTE VI: ASSUNTOS DIVERSOS**

### **O CULTO VODU**

A palavra *vodu* está associada com a cultura oriunda do Haiti e de outras ilhas. Entretanto, este culto possui uma enorme quantidade de iniciados nos Estados Unidos, desde os tempos da escravidão negra em Nova Orleans.

O vodu chegou à América do Norte, vindo do antigo Dahomé para as Antilhas, há mais ou menos duzentos anos. Sua difusão ocorreu de forma rápida, espalhando seus bonecos e alfinetes, seus medos e assombrações. Foi por este motivo que as autoridades norte-americanas proibiram a importação de escravos das Antilhas, alegando que poriam em perigo a vida das pessoas nas cidades norte-americanas.

Apesar disso, a seita vodu alastrou-se pelos Estados Unidos mesmo com a proibição feita aos escravos de se reunirem para praticar a sua religião. Ocultos nas matas, os negros do antigo Dahomé faziam seus toques festivos aos loas e as suas representações. Porém, com o passar do tempo, as proibições foram ficando cada vez mais brandas e eles foram organizando o culto. A cidade escolhida foi Nova Orleans onde há a *Casa do Vodou Maior*, fundada por volta de 1803.

Toda a cerimônia vodu possui um rei e uma rainha, uma mãe e um pai, sendo que à rainha cabe o poder maior; mostrando, desta forma, que o vodu é um culto matriarcal. Para fazer o vodu, acendem-se fogueiras e um toque de tambor anima a cerimônia. No momento do êxtase dos participantes, a mãe tira uma cobra de um cesto e faz com que o animal lamba sua face. Esta cobra é Dambalá, a serpente sagrada do Dahomé; ou grande vodu, que dá aos seus filhos o poder de ver além da realidade, de se transformar em um bicho ou uma planta, além de todos os poderes mágicos que um voduno, que é sacerdote do culto possui.

Segundo um dos mitos vodu, os primeiros homens nasceram cegos e foi a serpente Dambalá quem deu a visão à raça humana.

Para este Deus e outros do mundo mágico dos voduns oferecem-se caldeirões com água fervendo onde são colocadas várias coisas e sempre uma enorme cobra. Com olhos arregalados, observando tudo, os vodunos gritam: “*Ele está chegando, o grande Zumbi vem aí. Ele vem fazer os gris-gris* (que são os despachos vodu)”.

Os iniciados, vestidos apenas com tangas vermelhas, saltam no meio do terreiro, carregando na mão um objeto que colocam aos pés da sacerdotisa e dançam mais alucinados. Rodam em volta da fogueira até caírem exaustos. Nisso os outros fiéis começam a dançar, bebem do caldeirão e tomam canecas cheias de tafiá, que é uma porção com infusão de várias ervas e também aguardente. A partir desse momento, todos entram em transe.

Conforme as crenças vodu, o homem ao abandonar a Terra, vai para uma região povoada de loas. Os loas podem ser classificados de diversas formas: pelo nome dos espíritos, pelo elemento da natureza que lhes serve de domínio, pelo culto que lhes é dedicado ou por sua origem africana ou haitiana.

De acordo com os seus domínios, há loas do ar, da água, do fogo e da terra. Sendo que enquanto os do ar e da água são mais benéficos, os do fogo estão ligados à bruxaria e os da terra, à morte. Por outro lado, quanto aos cultos, há três cultos principais: rada, congo e petro.

Como já foi explicado anteriormente, no culto vodou a pessoa pode ser transformada num animal ou planta. As pessoas devem ser desprendidas dos bens materiais. Estes são dois mandamentos do credo vodou. O vodou é uma religião existencial completa, segundo os etnólogos. Já é tempo de caírem os tabus e superstições em torno deste culto. O vodou é constituído de heranças africanas do Dahomé (hoje, atual República do Benin) e misturadas as influências católicas, tendo sofrido transformações em contato com os nativos do Haiti. No vodou, o Deus se encontra no sétimo céu. Olha de lá a sua criação, que é o nosso mundo e os loas é que dão assistência aos seres humanos mediante as trocas e oferendas.

*Este site encontra-se em constante atualização.*

***Próximo Capítulo: Feitiços, Ebós, Mandingas, Magias, Oferendas, Patuás, Despachos e Trabalhos: O que são??? Para que servem??? Aguardem!!!***